



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Ciências da Educação
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA



CLARICE IVONE RAULINO

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

Florianópolis

2011

CLARICE IVONE RAULINO

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Clarice Fortkamp Caldin.

Florianópolis

2011

Catálogo na fonte feita pela acadêmica Clarice Ivone Raulino do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina.

R246c Raulino, Clarice Ivone, 1984-

Contação de histórias para crianças / Clarice Ivone Raulino. – Florianópolis, 2011.
103 f.; 30 cm

Inclui referências.

Orientadora: Profa. Dra. Clarice Fortkamp Caldin.
Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação Florianópolis, 2011.

1. Contação de histórias. 2. Hora do Conto. 3. Literatura infantil. I. Título.

CDU – 028

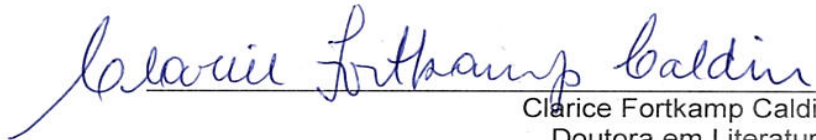


CLARICE IVONE RAULINO

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado com nota 9.0.

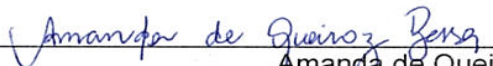
Florianópolis, 06 de julho de 2011.



Clarice Fortkamp Caldin.
Doutora em Literatura.
Universidade Federal de Santa Catarina.
Professora Orientadora.



Felícia de Oliveira Fleck.
Mestre em Ciência da Informação.
Universidade Federal de Santa Catarina.
Membro da Banca Examinadora.



Amanda de Queiroz Bessa.
Especialização em Marketing Empresarial.
Universidade Federal do Amazonas.
Membro da Banca Examinadora.

*Dedico essas linhas
às crianças que ouviram,
ou que um dia ouvirão
uma boa contação de história.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar a oportunidade de estudar, e pelas provações que me fez passar nestes últimos quatro anos, o que me fortaleceu.

À minha mãe Ivone, que em meio às dificuldades não desistiu de nos mostrar (eu e minha irmã Cláudia) que o único caminho para a realização pessoal e profissional é por meio da educação. Ao meu pai Maurício (*In Memória*), mesmo estando fisicamente distante, se faz sempre presente.

Ao meu companheiro André que esteve ao meu lado nesses quatro anos, e que nesta fase de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), lia meu trabalho e contribuía com suas sugestões.

Aos meus familiares e amigos que compreenderam minhas ausências, e que direta ou indiretamente, participaram desta minha evolução acadêmica, em especial meu compadre Pedro, pela ajuda prestada.

À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) por oferecer o Curso de Graduação em Biblioteconomia.

Aos professores do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina, que nesses quatro anos de curso nos forneceram os seus conhecimentos.

Em especial à professora Clarice por aceitar em me orientar, e assim, contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos membros da banca por aceitarem o convite, e por contribuírem com o trabalho.

Aos Tripulantes da Biblioteca Barca dos Livros por permitir minha presença na atividade observada, e pelos belos momentos que me proporcionaram.

À Livraria Catarinense, em especial à Sandra, que permitiu que eu observasse seus momentos junto às crianças.

Às colegas de trabalho da Biblioteca da Eletrosul e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), pela confiança depositada no meu sucesso.

Aos colegas de turma por esses quatro anos que passamos juntos, e àqueles que ficaram pelo caminho e aos que apareceram no meio dele.

*A todos e a todas,
Meu Muito Obrigada!*

“[...] contar histórias é a possibilidade,
sim, de formar leitores,
num verdadeiro ato de subsistência,
não só do já inventado,
mas do universo que as palavras
transcriam para levitar”.
(SISTO, 2001, p. 16).

RESUMO

RAULINO, Clarice Ivone. **Contação de histórias para crianças**. 103f. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

Discorre sobre a contação de histórias realizada em duas Instituições de Florianópolis: a Livraria Catarinense e a Barca dos Livros. Ambas incentivam a leitura por meio da literatura infantil. O objetivo geral foi descrever a contação de histórias e, como objetivos específicos, observar as reações das crianças diante das histórias contadas, verificar quais as histórias mais contadas, verificar os métodos empregados na contação e observar se a contação de histórias desperta o gosto pela leitura. Para alcançar esses objetivos a acadêmica assistiu como observadora, as contações nos dois locais citados, no período de março a junho de 2011. Assim, a presente pesquisa é descritiva, bibliográfica e estudo de caso. A revisão de literatura contemplou as origens do conto, o conto infantil no Brasil, os célebres dos contos de fadas, a figura do contador de histórias e a importância das histórias infantis no imaginário das crianças. Por meio das observações *in loco* constatou que as atividades de “Hora do Conto” (nome dado ao momento de contação de histórias nos locais observados) têm efeito catártico nas crianças. Também foi observado, que muitas crianças se interessam em folhear os livros, se deliciam com as ilustrações, buscam conhecer novas histórias, prestam atenção às histórias do início ao fim e interagem com o contador. Conclui que a atividade de contação de histórias desperta o gosto pela leitura.

Palavras-Chave: Contação de histórias. Hora do Conto. Literatura infantil.

ABSTRACT

RAULINO, Clarice Ivone. **Storytelling for children**. 103f. 2011. Conclusion of course work. (Graduation in librarianship) – Department of Information Science, Santa Catarina Federal University, Florianópolis, 2011.

Discusses the storytelling performed at two institutions in Florianópolis: the Livraria Catarinense and the Barca dos Livros. Both bookshops use children's literature to encourage reading. The aims of this work are: to present a description of the storytelling, report the children's reactions to the stories told, identify the most told stories, describe the methods used in the storytelling and see if the storytelling awakens a taste for reading. To reach these goals I attended storytelling events as an observer in the aforementioned locations, from March to June 2011. Thus, this research is a description, a bibliographic review and also a case study. The literature review contemplated the origins of the tale, children's tales in Brazil, the renowned of fairy tales, the figure of the storyteller and the importance of children's tales in the imagination of children. Through *in loco* observations I found that the activities of "Tale Time" (name given to the moment of storytelling by the institutions) have a cathartic effect on children. It was also noted that many children are led to browse books, and, doing so, enjoy the illustrations, attempt to learn new tales, pay attention to the stories from beginning to end and interact with the storyteller. It has been concluded that the activity of storytelling awakens a taste for reading.

Keywords: Storytelling. Tale Time. Children's literature.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Celesc	Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A.
FNLIJ	Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
Minc	Ministério da Cultura
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UDESC	Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 Origens do conto	14
2.2 O conto infantil no Brasil	21
2.3 Os célebres dos contos de fadas	27
2.4 A figura do contador de histórias	32
2.5 Importância das histórias infantis no imaginário das crianças	38
3 METODOLOGIA	42
4 RELATÓRIO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES	45
4.1 Livraria Catarinense	45
4.2 Barca dos Livros	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICES	96
APÊNDICE A – Termo de Consentimento para uso do nome	97
APÊNDICE B – Termo de Consentimento para uso do nome	98

1 INTRODUÇÃO

Narrar histórias faz parte da própria história humana, da socialização dos membros de uma família, de um clã, de uma comunidade.

A narração de histórias está presente no cotidiano, fazendo parte da vida em sociedade. Segundo Costa (2009, p. 31), a narração de história “[...] surgiu antes de tudo pela necessidade humana de produzir sua existência como sujeitos sociais”. A narratividade está tão presente na existência humana, que é utilizada de maneira natural desde os primórdios da humanidade. Pode-se dizer que o contar histórias mostra o anseio do ser humano em relatar suas experiências, viagens, grandes e pequenos feitos. Na falta de um veículo de informação, como o jornal, por exemplo, a narração era o meio por excelência de divulgar acontecimentos reais ou imaginários. Pois, muito embora a oralidade contemple fatos rotineiros e históricos, privilegia, também, o imaginário.

Lembra Caldin (2002, p. 25) que as histórias, tanto as oralizadas quanto as registradas por escrito, proporcionam às pessoas um mundo à parte:

A voz se faz letra, a letra carrega a voz, que convida à leitura, que cativa o leitor. Nesse percurso, narrador, autor, leitor e ouvinte pervertem a realidade e adentram no mundo ficcional em que o imaginário é experimentado como forma de articulação entre o real e o irreal. A narração e a leitura proporcionam a apropriação da realidade do texto escrito em uma forma de entender o mundo.

Assim, as narrativas ficcionais podem permitir, por meio da imaginação, estar em um mundo extraordinário, vivenciar outra realidade.

Por muito tempo coexistiram oralidade e escritura na literatura infantil. Mas com o passar dos séculos, a oralidade foi perdendo espaço para a escritura. Entretanto, Fleck (2007, p. 216, grifo da autora) esclarece que “a figura do contador de histórias reapareceu com grande vigor nas últimas décadas do século XX” e há “um verdadeiro *boom*, com a ampliação do número de pessoas interessadas em aprender técnicas dessa ocupação”.

Essas pessoas que se ocupam da contação de histórias valem-se de rodas de leitura, leituras públicas de textos, oficinas, saraus literários e da forma mais conhecida e utilizada, a *Hora do Conto*, aqui entendida como uma atividade de

leitura ou narração oral que congrega crianças (ouvintes) e adulto (leitor ou contador de histórias).

Esse estudo consiste na observação *in loco* da *Hora do Conto* que ocorre na *Livraria Catarinense*, situada na Rua Felipe Schmidt, Centro, e na *Biblioteca Barca dos Livros*, situada na Rua Senador Ivo D'Aquino, no bairro Lagoa da Conceição, ambas em Florianópolis/SC. Intenta-se descrever como as histórias são apresentadas pelos contadores, as formas utilizadas de contação, objetos e adereços de apoio, quais os livros, temas, a preparação do ambiente e a reação do público-alvo.

O envolvimento da acadêmica com as histórias hoje, vai ao encontro de lembranças da infância, quando ouvia histórias contadas por sua mãe momentos antes de dormir, por suas professoras nos anos iniciais, e narrações feitas pelos seus avós, relatando suas histórias da juventude. Essas lembranças ficaram guardadas na memória como momentos felizes. Estes são seus motivos pessoais. Outro motivo é poder observar o quanto as histórias infantis ainda emocionam e cativam as crianças. E, também, ter contato com crianças, já que seu interesse é trabalhar em uma biblioteca escolar, e nesta, poder realizar a *Hora do Conto*, pois acredita que contar histórias é uma das tarefas do bibliotecário escolar.

A *Hora do Conto* para Barcellos e Neves (1995, p. 19), “amplia os horizontes da leitura” e torna “a criança consciente da existência de infinidade de livros de diversos temas, gêneros e estilos, capazes de satisfazer suas necessidades individuais e seus gostos [...]”.

É freqüentemente aplicada pelos docentes, nas primeiras séries do ensino fundamental; torna-se, para os bibliotecários, um dos recursos encontrados para estimular a leitura. Além de incentivar o amadurecimento, estimulando a criatividade das crianças, acentua a imaginação, dando-lhes a possibilidade de criarem seus próprios cenários ficcionais, uma vez que cada pessoa constrói a sua história.

Complementa Bortolin (2010, p. 137, grifo da autora),

A mediação oral da literatura que comumente acontece nas unidades de informação com a intensidade bem aquém da desejada são as denominadas sessões de Hora do Conto. Essas narrativas de histórias são uma tarefa de cunho universal das mais antigas podendo ser desenvolvida em espaços públicos ou no canto aconchegante de um lar; em horários preestabelecidos e rígidos ou abruptamente numa atitude irreverente; com recursos sofisticados ou usando *apenas* o potencial vocal. No âmbito da Biblioteconomia, quando realizadas limitam-se às bibliotecas escolares e às infantis, atendendo exclusivamente ao público infantil. Sendo incomum

encontrar, não apenas na literatura biblioteconômica, relatos de experiências de narrativas de histórias orais para adolescentes e adultos. Essa é uma situação que deve ser revista, pois adolescentes e adultos também gostam de ouvir histórias.

Assim, a *Hora do Conto* deveria ser disseminada, a todas as faixas etárias e classes sociais, para que mais pessoas tenham contato com esse mundo imaginário que a literatura descortina, pois a narração e a leitura são as formas mais comuns para adentrar neste mundo extraordinário onde tudo é possível para o espírito humano se deleitar. Mas como a pesquisa incide sobre a contação de histórias para crianças, é sobre ela que se discorrerá.

Umbelino (2005, p. 27) afirma que durante a contação de histórias,

o contato com as histórias permite que as crianças experimentem situações de alegria, angústia e cumplicidade com os personagens e com o narrador, e quanto mais rico for o universo de experiências das crianças, mesmo que apenas no plano da imaginação, melhores serão as condições que a criança terá de lidar com essas situações no plano do real.

O contador se preocupa com a inflexão da voz, a performance e, quando as crianças presentes são pequenas demais, apresenta narrativas curtas para não cansar o público.

De acordo com Caldin (2002, p. 30, grifos da autora),

O contador de histórias resgata a tradição oral e ao mesmo tempo estimula a imaginação do ouvinte. A mensagem é auditiva e não visual. Contar histórias é uma arte: é necessário captar o ritmo e a cadência dos contos, fazer as pausas no momento certo, não entrar em descrições cheias de detalhes, criar um clima de envolvimento e de encanto, e, acima de tudo, usar todas as modalidades e possibilidade da voz – sussurrar, imitar os ruídos, as vozes dos animais, as inflexões que indicam suspense e clímax. A narração inicia-se com a senha mágica, que indica a saída do mundo real para o mundo ficcional: *Era uma vez...*; e deve acabar com um refrão que indica o retorno à realidade: *E assim acabou a história. Entrou por uma porta, saiu por outra. Quem quiser que conte outra.*

Dessa forma, o contador proporciona às crianças momentos mágicos e oportunidades de ampliar seus conhecimentos culturais, históricos e vivenciais. Além disso, “por meio dessa experiência artística, estética e cultural, a criança consegue apropriar-se de tudo que as histórias têm a lhe apresentar, o que muito contribui para a ampliação da capacidade de sua imaginação e de sua linguagem”. (CAMPOS, 2010, p. 36).

Para nortear este trabalho, tem-se como *objetivo geral* descrever as contações de histórias. E como *objetivos específicos*: a) observar as reações das

crianças diante das histórias contadas; b) verificar quais as histórias mais contadas; c) verificar os métodos empregados na contação; d) observar se a contação de histórias desperta o gosto pela leitura.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso estrutura-se da seguinte forma: na segunda seção apresenta-se o referencial teórico com um breve histórico da origem do conto desde o oriente ao ocidente por meio de traduções; como o conto infantil se disseminou no Brasil e alguns autores brasileiros; são apresentados os expoentes dos contos de fadas: Perrault, irmãos Grimm e Andersen, suas histórias e seus principais contos; mostra-se a figura do contador de histórias e se descreve a arte de contar histórias; e, ainda, aborda-se a importância das histórias infantis no imaginário da criança.

Na terceira seção apresenta-se a metodologia. Do ponto de vista dos objetivos, esta se configura como pesquisa descritiva; do ponto de vista dos procedimentos técnicos, como pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

Na quarta seção apresenta-se o relatório e a análise das observações da acadêmica acerca das atividades de contação de histórias executadas na *Livraria Catarinense* e na *Biblioteca Barca dos Livros*.

Como quinta e última seção, as considerações finais. Fazem parte, ainda, do trabalho, apêndices com o Termo de Consentimento para uso do nome dos dois locais observados na pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Essa seção tratará da história das origens do conto, do conto infantil no Brasil, dos célebres dos contos de fadas, da figura do contador de histórias, e da importância das histórias infantis no imaginário das crianças.

2.1 Origens do conto

Desde os primórdios da vida humana na terra a fala foi o principal meio de comunicação, sendo algo instintivo e que é passado de pai para filho; a espécie humana sentiu a necessidade de contar histórias para os descendentes, seja com a intenção de lembrar fatos ocorridos, de educar ou de entreter.

Disseminados oralmente, os contos ultrapassavam fronteiras e ganhavam interpretações diferentes em cada país. Como afirma Carvalho (1985, p. 55),

É fato pacífico que não podemos precisar a origem do conto, situando-o aqui ou ali. Nem acreditamos que ele tenha apenas uma origem única, como ponto de partida. Certamente nasceu, concomitantemente, em lugares diferentes, uma vez que é produto do homem, surgindo onde quer que ele estivesse em comunidade, e não privilegio de um determinado grupo primitivo.

Lembra Fleck (2007, p. 219) que “em tempos passados era ao redor de uma fogueira que pessoas se reuniam para escutar os mais velhos narrarem suas aventuras, lembranças e ensinamentos”.

Quando a leitura e a escrita ainda não eram plenamente desenvolvidas, principalmente no meio rural, os camponeses, ao entardecer, se reuniam para ouvir histórias enquanto as mulheres costuravam ou cerziam roupas e os homens consertavam os instrumentos agrícolas. E as crianças, que ainda não tinham seu próprio espaço, faziam parte do rol de ouvintes. Mais tarde, os marinheiros, vindos de lugares distantes, difundiam nas cidades as aventuras vividas ou imaginadas, narrando seus feitos e novas coisas observadas em terras longínquas; tais narrativas eram repassadas pelos artesãos.

Benjamin (1994) faz um retrospecto da narração de histórias no meio medieval, mediada pelos camponeses, marujos e, com o crescimento das cidades, dos artifices nas oficinas. E diz: “no sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário”. (BENJAMIN, 1994, p. 199).

Assim, as histórias vindas de longe alcançavam adultos e crianças, pois eram retomadas nos lares e era a literatura do povo.

Conforme advoga Coelho (1991c, p. 13, grifos da autora), a Literatura Popular/Infantil do ocidente surgiu por aquelas “[...] longínquas *narrativas primordiais*, cujas origens remontam a fontes orientais bastante heterogêneas e cuja difusão, no ocidente europeu, se deu durante a Idade Média, através da transmissão oral”. Após essas narrativas orientais, surgiram às narrativas medievais ocidentais que se transformaram em literatura folclórica ou em literatura infantil.

Coelho (1991c) realiza um estudo histórico que aponta as primeiras narrativas escritas tendo como origem o oriente (Índia), e a migração dos contos orientais para os ocidentais deram-se pelas traduções de dois livros árabes.

O primeiro é *Pantschatantra*¹, que, traduzido para o ocidente ficou denominado como *Calila e Dimna*², uma coletânea composta por três livros indianos: *Pantschatantra*, *Mahabarata*³ e *Vischno Sarna*⁴; o segundo é *Hitopadexa*⁵ *livro com ensinamentos morais*, com seus 52 contos de diferentes povos (CARVALHO, 1985; COELHO, 1991c; MEIRELES, 1984).

Outros livros que contribuíram para a Literatura ocidental foi *Sendebâr* uma coletânea com 26 narrativas, escrita provavelmente por um filósofo indiano, traduzida do árabe para o espanhol por Dom Fadrique, no século XIII, conhecido como *Livro dos Enganos e Assanhamentos das Mulheres* e a famosa obra árabe, *As Mil e Uma Noites*. As duas narrativas possuem semelhanças – seus contadores têm as mortes adiadas por causa de seus contos. Outro livro indiano é a novela mística,

¹ “[...] um dos livros sagrados mais importantes da Antiguidade, do qual só restam fragmentos, e que reunia textos usados pelos pregadores budistas, por volta dos sécs. V e VI a.C.”. (COELHO, 1991c, p. 15).

² “[...] nomes dos chacais que são as personagens principais das narrativas”. (COELHO, 1991c, p. 15).

³ “[...] longa epopéia primitiva indiana, surgida por volta do séc. VIII a.C.”. (COELHO, 1991c, p. 15).

⁴ Na elaboração do parágrafo, foram reunidas as considerações de Coelho (1991c, p. 26). Encontra-se uma história: “A cobra e o rei dos sapos”. (MORAIS, 2010).

⁵ “[...] originou-se na Índia, essa coletânea ficou celebre como compendio de leitura edificante. Originalmente escrita em sânscrito, teve inúmeras traduções em línguas modernas”. (COELHO, 1991c, p. 18).

Barlaam e Josafat, versão cristã da lenda de Buda (CARVALHO, 1985; COELHO, 1991c).

Escritos em sânscrito, sua tradução, como acontecia com toda obra hindu, era feita primeiro para o persa, e do persa para o árabe; e do árabe vinham às traduções latinas, principalmente para o espanhol (CARVALHO, 1985). Essas coletâneas citadas acima, transformadas em livros por autores célebres ou anônimos eram disseminadas desde então, entre diversos países e traduzidas em várias línguas.

A obra *As Mil e Uma Noites* ficou conhecida na Europa, precisamente na França, por Antoine Galland, que o traduziu para o francês no início do século XVIII. Segundo Coelho (1991b, p. 25),

A versão de Galland tem apenas 350 noites, mas foram suficientes para que o drama da princesa Sherazade e suas intermináveis histórias, contadas ao rei Schariar, passassem a fazer parte do cotidiano, nos alegres e cultos salões mundanos que, na época, desafiavam a austeridade devota que o poder de Mme de Maintenon (amante e depois esposa secreta de Luís XIV) impunha à corte francesa.

A coleção *As Mil e Uma Noites* e *Pantchatantra*, entre outras, segundo Meireles (1984, p. 48),

salvaram do esquecimento lendas, histórias, fábulas, canções, adivinhações, provérbios... não se pode deixar de sentir uma profunda admiração por esses narradores anônimos que com a disciplina da sua memória e da sua palavra salvaram do esquecimento uma boa parte da educação da humanidade.

E com base nessas histórias orais surgiram outras, que foram transportadas para os livros, tornando-se assim, imortais e fazendo parte do universo literário infantil.

Segundo Coelho (1991c, p. 33) é,

Através dos manuscritos ou das narrativas transmitidas oralmente e levadas de uma terra para outra, de um povo a outro, por sobre distâncias incríveis, que os homens venciam em montarias, navegações ou a pé, - a invenção literária de uns e de outros vai sendo comunicada, divulgada, fundida, alterada...

Entre os séculos V ao XV amalgamou-se o simbolismo dos gregos, romanos, egípcios, persas. Com o surgimento da cristandade, houve uma fusão cultural. Nesse período, conhecido como Idade Média, prevalecia à literatura como ensinamento, como transmissão de valores da cristandade em ascensão.

Na Idade Média, grandes transformações ocorrem às novas nações européias, inicia-se uma nova Era para o mundo ocidental, ou seja, inicia-se a Era Cristã-Burguesa. Nessa época acontecem muitas disputas por territórios, e os autores dos contos maravilhosos baseavam-se nessa violência para suas criações. Mas com o passar dos anos e a descoberta da infância, essa violência desaparece dos contos. Um grande exemplo desta mudança pode ser encontrado na história de *Chapeuzinho Vermelho*. Na versão original de Charles Perrault o lobo devora a avó e sua neta; na versão dos irmãos Grimm, o caçador abre a barriga do lobo e retira as duas sãs e salvas; e na versão moderna o lobo se passa por bonzinho (COELHO, 1991c). Já a paródia, *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, apresenta um lobo ridículo. Essas mudanças apontam as várias possibilidades de um conto, que se ajustam ao contexto social e histórico.

Muitas obras medievais serviram como fonte para a tradição popular e/ou infantil entre elas estão: *O Livro de Esopo*⁶; *Livro dos Gatos*; *O Livro das Maravilhas* e *O Livro dos Animais*, e muitos outros, que contêm fábulas, contos, novelas, prosa popular e muitas outras formas literárias.

Desde o século XVI a Literatura Ocidental elevou-se em suas formas, com a divulgação do papel, a descoberta da gravura e a invenção da imprensa; a vida cultural modificou-se intensamente. Com o Renascimento surge na Itália uma Literatura culta e aristocrática, que segundo Coelho (1991c, p. 55) é “uma Arte e uma Literatura que, por sua vez, com o passar dos séculos, se transformarão em ‘modelo clássico’ para o mundo ocidental”. Essa arte teve por base os modelos deixados pelos gregos e romanos e era a literatura culta.

Mas a literatura popular permanece. Em especial, destacam-se coletâneas de narrativas com rastros orientais mesclados com contos exemplares, como as de Caravaggio, Basile, Croce (italianos) e de Trancoso (português).

O primeiro registro dos *Contos do Trancoso* deu-se em Portugal mais exatamente em Lisboa no século XVI, por Gonçalo Fernandes Trancoso por meio de sua obra *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*. “Foi sem dúvida dos livros mais populares e mais imitados de sua época, até o século XVIII”. (COELHO, 1991c, p. 57).

⁶ “[...] foi um fabulista grego que deve ter vivido por volta do século VI a.C., provavelmente na Frágia. Sua existência é envolta por lendas, mas acredita-se que ele seja um dos precursores da fábula”. (BUSATTO, 2003, p. 25).

Outras formas de conto surgiram em vários países, como por exemplo, *Conto dos Contos* ou *Pentameron*, escrito pelo italiano Giambattista Basile por volta de 1600. Basile, ao conversar com os camponeses de Nápoles, descobriu os *contos de fada* ou de *encantamentos*, conhecidos como versões mediterrâneas de contos maravilhosos. Conforme complementa Coelho (1991c, p. 58, grifos da autora),

Sua grande imaginação produziu narrações tão fabulosas, e seu domínio lingüístico tornou-se de tal interesse, que foram traduzidas em nove idiomas e grande parte delas estão na origem dos contos de Perrault. De seu “Cogluso” saiu *O Gato de Botas*; de “Sole, Luna e Talia” saiu *A Bela Adormecida*; de “Zezolla”, *A Gata Borralheira*...

Mas os primeiros a se preocuparem com a literatura para crianças foram os franceses, na segunda metade do século XVII.

A partir do século XVII os escritores cultos descobrem na tradição oral dos povos europeus a Literatura Infantil, seus personagens típicos eram “[...] reis, rainhas, princesas e príncipes bons e maus, fadas, bruxas, [...] madrastas, crianças abandonadas, crianças que são entregues a alguém para serem mortas, fantasmas e magos [...]”. (COELHO, 1991c, p. 66).

Em 1621 Jean La Fontaine se destaca na literatura ocidental por meio das fábulas. Coelho (1991c, p. 82, grifo da autora) acrescenta que,

Conforme registro de vários pesquisadores, La Fontaine foi buscar seus argumentos nos gregos, latinos, franceses, medievais, parábolas bíblicas, contos populares, narrativas medievais e renascentistas e em várias outras leituras que desafiam sua infatigável curiosidade. *É essa heterogeneidade* das fontes que vai, talvez, determinar as diferenças de *matéria literária*, evidentes em suas “fábulas”. Com esse rótulo geral, La Fontaine reuniu todos os breves poemas narrativos que constituem os doze livros que resultaram de suas pesquisas e criação, durante 25 anos de trabalho. [...] O que existe de comum entre esses poemas narrativos é que todos eles expõem uma “situação” que encerra com uma *moralidade*.

La Fontaine escreveu ao todo doze livros, entre eles, fábulas⁷, apólogos⁸, parábolas⁹, contos exemplares¹⁰, pequenas histórias jocosas¹¹ e alegorias¹². Todos

⁷ Fábulas são “narrativas curtas, em que as ações são protagonizadas por animais, mas com referencia a situação humana”. (CALDIN, 2010b, p. 97).

⁸ Apólogo é um “discurso breve de uma situação vivida por objetos ou elementos da natureza que adquirem vida e que aludem a uma situação exemplar para os homens”. (CALDIN, 2010b, p. 97-98).

⁹ Parábola é uma “narrativa de comparação, onde se deduz, por similitude, um ensinamento moral e cujas ações são vividas por seres humanos”. (CALDIN, 2010b, p. 98).

¹⁰ Os contos exemplares são contos realistas, situam-se no cotidiano e encerram com uma moralidade; intentam passar ensinamentos a ser imitados.

¹¹ Contos jocosos são de narrativas breves e centradas no cotidiano, são vulgares nas palavras, gestos ou situações; são histórias humorísticas, que provocam o riso.

apresentavam uma situação e encerravam-se com uma moralidade, mas com o passar dos anos com suas diversas traduções, seu formato em verso, assim como o argumento ou a moralidade se perderam ficando em seu lugar as situações humanas.

Outro autor que surgiu na literatura ocidental foi Charles Perrault,

[...] entra para a História Literária Universal não como poeta clássico (eleito para a Academia Francesa em 1671), mas como o autor de uma literatura popular, desvalorizada pela estética de seu tempo e que, apesar disso, se transforma em um dos maiores sucessos da literatura para a infância (COELHO, 1991c, p. 84).

De Perrault destaca-se *Contos da Mãe Gansa*, destinados às crianças, com as histórias de fadas.

No final do século XVII, os contos de fadas encontram seu auge. Inúmeras publicações, em paralelo às narrativas oralizadas, surgem nos Salões, na Corte e nos lares plebeus. Adultos e crianças deles desfrutam.

Os contos orientais, como *As Mil e Uma Noites*, também agradam ao público infantil e são traduzidos do árabe para língua ocidental. Segundo Coelho (1991c, p. 99) está “coletânea acaba se tornando, desde então, a fonte oriental de maior importância”.

Na Inglaterra, no século XVIII, surge o “romance, - a forma de ficção narrativa que se torna a expressão literária ideal da Sociedade burguesa que então se consolida”. (COELHO, 1991c, p. 114). Um de seus célebres escritores foi Daniel Defoe que escreveu *Robinson Crusóé*¹³ (1719), obra que quando escrita foi direcionada para o público adulto, mas após vários ajustes, transformou-se em uma obra da Literatura Infanto-Juvenil apreciada em todo o mundo. Outro livro escrito para adultos e depois conhecido no mundo infantil foi *Viagens de Gulliver*¹⁴, publicada em 1726 por Jonathan Swift.

¹² Alegoria “consiste num discurso que faz entender outro, numa linguagem que oculta outra. [...] toda concretização, por meio de imagens, figuras e pessoas, de idéias, qualidades ou entidades abstratas. O aspecto material funciona como disfarce, dissimulação, ou revestimento, do aspecto moral, ideal ou ficcional”. (MOISÉS, 1988, p. 15).

¹³ É uma “literatura de viagens e naufrágios tão ao gosto da época, é na verdade, um protesto contra a civilização, um elogio ao ‘bom selvagem’, à capacitação humana de adaptar-se às situações difíceis”. (CALDIN, 2010b, p. 80).

¹⁴ Este livro consiste em uma “sátira ao regime opressor da Inglaterra” e “as modernas traduções o transformam em narrativas de viagens para crianças e jovens”. (CALDIN, 2010b, p. 80).

Carvalho (1985, p. 90) acrescenta que “O século XVIII foi, sem dúvida, o século das grandes revoluções: a revolução científica desencadeia a Revolução Industrial, no plano sócio-econômico, culminando com a Revolução Francesa”.

Os contos de fadas voltaram ao auge pelos escritores alemães, os irmãos Grimm, no século XIX. Segundo Carvalho (1985, p. 104) “É a aterragem da fantasia: as Fadas reflorescem na plenitude de seu encantamento e de sua graça. O século XIX é o século de ouro da Literatura Infantil, como o foi na Literatura Geral”.

No século XIX, conforme afirma Coelho (1991c, p. 138),

A partir do Romantismo (1ª fase da Era Romântica), vemos que em todas as nações européias e americanas, com maior ou menor ênfase, cresce rapidamente o número de autores e de grandes obras que marcam a gênese e evolução da Literatura, das Idéias e dos Valores que, hoje, conhecemos como Tradição.

As espécies de literatura mais procuradas entre as crianças eram “as narrativas do fantástico-maravilhoso; as do realismo maravilhoso; a novelística do realismo humanitário; a novelística de aventuras e a literatura jocosa ou satírica”. (COELHO, 1991c, p. 140).

E neste século por meio destas espécies literárias passam a existir seus ilustres escritores, entre eles estão os Irmãos Grimm (narrativas do fantástico-maravilhoso); Hans Christian Andersen (maravilhoso X realismo); Lewis Carroll (narrativas do realismo maravilhoso), e muitos outros.

Na Itália surge Carlos Lorenzini (Collodi), criador da obra-prima da Literatura italiana o *Pinocchio*. “Collodi fundiu, engenhosamente, o pagão e o bíblico em sua imaginosa concepção, e tirou daí o fantástico e a mensagem”. (CARVALHO, 1985, p. 112). Baseado no Velho Testamento da Bíblia, Collodi retira da parábola do filho pródigo, as aventuras de Pinóquio.

Alice no País das Maravilhas escrita pelo inglês Lewis Carrol, foi uma história contada a três meninas durante um passeio pelo professor Charles L. Dogson. Essa história interessou tanto à menina Alice que a mesma pediu para escrevê-la, conforme os dizeres de Meireles (1984, p. 110): “Oral, antes de escrita, é construída com a colaboração das crianças, a história foi também julgada por elas. Alice quis vê-la escrita, para não a esquecer”.

Mais tarde, Lewis Carrol escreveu também *Alice no país do espelho*. Essas duas histórias são um marco na literatura infantil, porque instauram o sem sentido, quebram o modelo tradicional dos contos.

No século XX, segundo Caldin (2010b, p. 84) “continua o gosto pela aventura, pelo poder do homem em suplantar os desafios da natureza e pelo cotidiano familiar” e “aparece uma literatura voltada à menina e à jovem, de cunho humanitário. A psicanálise confere status aos contos de fadas, que continuam a ser traduzidos e adaptados em todo o mundo”.

Outros livros famosos deste século e que ainda continuam nos dias de hoje são: *Peter Pan* escrito pelo escocês Matthew J. Barrie, baseado nas tradições do povo escocês; o autor francês Antonie de Saint-Exupéry escreveu *O Pequeno Príncipe*, considerada “uma das mais belas obras que a sensibilidade humana já compôs”. (CARVALHO, 1985, p. 117). Em Nova Iorque o escritor Lyman Frank Baum celebrou-se com a obra *O Mágico de Oz*.

E no século XXI, esclarece Caldin (2010b, p. 85) aparece “uma mescla de todos os gêneros: contos de fadas, fábulas, aventuras, contos de animais, histórias de fantasmas, suspense policial, anedotas” e “proliferam histórias de dinossauros, livros com multimídia, e desperta com força total o diário”.

Essa nova literatura apresenta cada vez mais ilustrações, histórias atraentes, humoradas, está voltada para estimular a linguagem, os pensamentos e a imaginação das crianças.

2.2 O conto infantil no Brasil

A educação no Brasil era muito precária no período do seu descobrimento, escolas e universidades não existiam, os cidadãos só tiveram acesso a essas instituições com a chegada de D. João VI e a Família Real ao Brasil, em 1808.

Contudo, após a fundação do Império do Brasil deu-se início a reformas no ensino, com a finalidade de estruturar a educação nacional. Nestas reformas em que passa o ensino, a produção literária para crianças e jovens é agrupada ao sistema escolar.

Mas no Brasil, assim como em todo o ocidente a transmissão oral se antecipou ao escrito, pois, segundo Coelho (1991c, p. 105) deu-se,

[...] em terras brasileiras, trazidas na memória dos colonos ou nas “folhas volantes” que corriam na Europa, as narrativas medievais, as novelas de cavalaria, os velhos romances, os contos ou estórias jocosas, satíricas e as estórias de “proveito e exemplo” que hoje integram o nosso folclore [...].

Assim, pode-se dizer que a primeira narrativa oral atracou no Brasil juntamente com os primeiros marinheiros portugueses “e, aqui, foi acrescida da mitologia e das tradições indígenas; mais tarde, ambas as correntes enriquecidas pela contribuição africana”. (ARROYO, 1988, p. 45). Então, no Brasil a literatura deu-se por meio de três culturas distintas: a européia, a indígena e a africana. Os primeiros Estados a receber essas narrativas foram o Norte e Nordeste nos séculos XVII e XVIII, onde se centralizavam os colonizadores.

Pode-se dizer, também, que a literatura ganhou força no Brasil a partir do século XVII por meio das *narrativas medievais* arcaicas, das quais antecederam a Literatura Primordial¹⁵. Conforme ressalta Coelho (1991c, p. 13, grifos da autora), essa narrativa originou-se na Europa e após migrou para América incluindo o Brasil; a partir daí transformou-se “[...] em *literatura folclórica* (ainda hoje viva, entre nós, circulando principalmente no Nordeste, através da ‘literatura de cordel’) ou em *literatura infantil* (através dos registros feitos por escritores cultos, como Perrault, Grimm, etc.)”.

Deus e Silva (2006) ressaltam que no Brasil o conto popularizou-se graças à criação da prensa manual por Gutemberg e difundiu-se no século XVII. Com o surgimento da imprensa, jornais publicavam traduções de contos franceses e ingleses e, além disso, originais de escritores nacionais, e assim tornou-se mais fácil a ampliação dos livros e dos leitores, independente da classe social. Cumpre lembrar que a primeira editora a editar livros infantis no Brasil foi a Editora Quaresma.

Carvalho (1985, p. 126) complementa:

A Literatura Infantil, no Brasil, é antecedida por uma intensa atividade representada pelo jornalismo e por traduções, o que nos permite admiti-la como a primeira fase da Literatura Infantil, num período preparatório, de amadurecimento.

¹⁵ “[...] aquela que, embora não transcrita em material perene, atravessou séculos, preservada pela *memória dos povos*. Nela foi descoberto o fundo fabuloso das narrativas orientais, que se forjaram durante séculos antes de Cristo e se difundiram por todo o mundo cristão, através da Tradição Oral”. (COELHO, 1991c, p. 13, grifos da autora).

A primeira imprensa a se instalar no Brasil localizava-se na Bahia; em 1811 circulou nesta cidade o primeiro jornal, após espalhou-se para Salvador que em 1831 lança o primeiro jornal infanto-juvenil, denominado *O Adolescente*. E assim, tomou outros territórios, tais quais: Rio de Janeiro, Maranhão, São Paulo e outros Estados.

Muitos livros eram traduzidos do francês e publicados em Portugal, e depois transportados para o Brasil, dificultando assim a leitura das crianças brasileiras, pois possuíam palavras iguais ao português do Brasil, mas com significados diferentes. Posteriormente os autores, percebendo a dificuldade das crianças, escreveram seus livros ou traduziram dos autores europeus, com o português do Brasil.

Nas traduções do Francês para o português de Portugal e Brasil, houve alterações nestes contos que alguns teóricos literários consideram desrespeitosas com a versão original. Conforme Coelho (1991c, p. 24, grifos da autora) “nas diferentes versões que correm em Portugal (Porto, Açores, Airão...) e no Brasil (Nordeste) há não só *variedades nos títulos*, como também *mistura de elementos* de umas histórias com os de outras” e em Portugal o conto “João e Maria” foi intitulado como “As crianças abandonadas”; no Brasil o conto “O Pequeno Polegar” foi intitulado como “O Miudinho”.

Machado (2010, p. 10) relata que,

Muitos deles foram depois recolhidos em antologias por estudiosos, com maior ou menor fidelidade à versão original de seus contadores e contadoras. Em vários casos, foram recontados e reelaborados – ora ganhando qualidade literária nas novas roupagens, ora se perdendo em adaptações cheias de intenções de corrigir as matrizes populares. Ora mantendo seu vigor original, ora se diluindo em pasteurizações.

Dessa forma o leitor atual se depara com a dificuldade em saber qual obra é a original e qual foi adaptada.

É esclarecedora a afirmação de Coelho (1991c, p. 204), a propósito do começo literário no Brasil:

Simultaneamente ao aumento de traduções e adaptações de livros literários para o público infanto-juvenil, começa a se firmar no Brasil, a consciência de que uma literatura própria, que valorizasse o nacional, se fazia urgente para a criança e para a juventude brasileiras.

A primeira manifestação consciente de leitura para crianças deu-se por meio de livros de leitura. Tais livros foram a abertura para o grande leque que é a literatura infantil brasileira.

Os livros recreativos [livros literários] vieram, mas a Literatura Infantil ainda teria de esperar mais de meio século, para tentar dizer que já não é mais possível manipular algum instrumento de educação, como é o livro da criança, sem um conhecimento crítico (CARVALHO, 1985, p. 125).

Neste início da literatura para crianças, os livros infantis encontraram muitas dificuldades, os esforços para levantar e superar essa situação eram incalculáveis, pois os livros ou custavam muito barato e possuíam impressão inferior (e os autores tinham vergonha de expô-los ao leitor), ou os livros eram muito caros, com qualidade superior, porém sem ilustrações.

Quanto a Literatura Infantil propriamente dita, Carvalho (1985, p. 127) ressalta que no Brasil só tomou contornos realmente nos fins do século XIX “quando a preocupação educacional se tornou uma realidade”.

A primeira coletânea foi *Contos da Carochinha*, escrita por Alberto Figueiredo Pimentel, em 1896, estimulado por José de Matos. Foi “organizada com a expressa intenção de traduzir em *linguagem brasileira* os contos infantis que circulavam em várias coletâneas estrangeiras ou em traduções portuguesas”. (COELHO, 1991c, p. 215-216, grifos da autora).

Essa coletânea possui 61 contos populares, morais e proveitosos, com traduções de contos de inúmeros países: contos de Perrault, Grimm e Andersen; contos exemplares; fábulas; lendas; contos jocosos; entre outros.

Em 1896, o segundo livro infantil de Pimentel intitulado *Histórias da Baratinha* é publicado, dando continuidade à literatura infantil no Brasil. Segundo Carvalho (1985, p. 128, grifos da autora):

[...] e assim prossegue o precursor da Literatura Infantil no Brasil, dedicando-se à infância, ora com as estórias maravilhosas, ora com a poesia, de que nos apresenta uma selecionada coletânea, em – *Álbum das Crianças* – ora com o teatro – *Teatrinho Infantil* – ora, enfim, com o interessantíssimo livro que se intitula *Os meus Brinquedos* [...].

Já a Literatura de Cordel¹⁶ migrou de Portugal para o Brasil por meio de seus colonizadores, e assim aos poucos ganhou fama entre os autores do Brasil na época. Inicialmente era divulgada oralmente; depois passou a ser por meio de folhetos, vendidos com baixo custo e/ou pelos próprios autores. Arroyo (1988, p. 108) ressalta que “a chamada literatura de cordel foi, durante muito tempo, a literatura mais acessível aos meninos brasileiros, juntamente com a chamada literatura jocosa”; e acrescenta ainda que esta literatura “[...] no Brasil incluía não somente obras de tradição popular, mas também contos clássicos, geralmente ilustrados com uma gravura em cores”.

Nestes folhetos era relatada a vida tipicamente nordestina, como a vida dos cangaceiros, as festas, os milagres, a seca, as brigas, enfim o cotidiano do sertão. Leandro Gomes de Barros foi um dos grandes autores desta literatura; recentemente há Homero do Rego Barros; José Pacheco da Rosa; José Alves Sobrinho; entre outros (SUA..., 2010).

Em 1908 surgiu a coletânea de contos folclóricos e contos maravilhosos, intitulado *Era Uma Vez*, de Manuel Viriato Correia, em colaboração com João Paulo Alberto Coelho Barreto. Esta coletânea agrupa histórias brasileiras e europeias. (COELHO, 1991c).

Segundo Carvalho (1985), Arnaldo de Oliveira Barreto ficou conhecido pelas suas adaptações de contos de diversos países: *O Velocino de Ouro*, obra da mitologia grega; *Sindbad, o Marujo*, um conto oriental; e *Os Lusíadas*, da epopéia lusa. E Tales Castanho de Andrade em 1919 escreveu a novela *Saudade*, relatando o rural, em um período no qual a população se desloca do campo para a cidade. (COELHO, 1991c). Destaca-se que as histórias, mesmo as que continham aventuras, tendiam para o didatismo.

Outro autor que se baseia no rural, é José Bento Marcondes Monteiro Lobato, Coelho (1991c, p. 222, grifos da autora) diz que,

Foi, pois, dentro da “literatura didática”, que vem à luz, em 1921, a obra de estréia do mago Lobato, *A Menina do Narizinho Arrebitado, Segundo Livro de Leitura para Uso das Escolas Primárias...* Sem que ninguém suspeitasse, com ele estava sendo criada a Literatura Infantil Brasileira.

¹⁶ “[...] é uma espécie de poesia popular que é impressa e divulgada em folhetos ilustrados com o processo de xilogravura. Também são utilizadas desenhos e clichês zincografados. Ganhou este nome, pois, em Portugal, eram expostos ao povo amarrados em cordões, estendidos em pequenas lojas de mercados populares ou até mesmo nas ruas”. (SUA..., 2010).

Grosso modo, a literatura infantil no Brasil surgiu com Monteiro Lobato, como relembra Coelho (1991c, p. 223): “Antes de Monteiro Lobato havia tão somente o conto com fundo folclórico”. De fato, Lobato é chamado verdadeiro precursor da literatura infantil no Brasil.

Entretanto, muitos livros com produções originais, traduções ou adaptações foram escritos por inúmeros outros autores (Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac; Manuel Bonfim; Alexina de Magalhães Pinto...), em diversas datas, com gênero de livros diversificados tais como: *Livros de leitura*; *Livros infantis*; *Livros de histórias-em-quadrinhos*. Arroyo (1988, p. 101), afirma que com, “Toda essa enorme massa de traduções lida durante o século XIX no Brasil criou condições, sem dúvida, para o próprio aparecimento da literatura infantil brasileira em suas mais fortes e definidas características”.

Nos anos de 1930 os autores escreviam diferentes tipos de narrativas, tais quais: pura fantasia; realidade cotidiana; realidade histórica; realidade mítica; e realismo maravilhoso, narrativas que aguçavam o interesse dos leitores. Mas estes tipos de narrativa causaram divergências entre o Realismo e a Imaginação, e assim, “levam certos setores educacionais a se colocarem contra a Fantasia na Literatura Infantil e a exigirem, em seu lugar, a Verdade, o Realismo”. (COELHO, 1991c, p. 242). Tal ato foi contra os contos de fadas, bem como impossibilitando as crianças de sonharem, de criarem suas histórias diante de uma narração. E assim, se prossegue até os anos de 1940.

Nos anos 1940 passou a existir uma nova literatura para crianças e jovens, combatendo o extraordinário e o maravilhoso:

Defendia-se o princípio de que os contos de fada ou maravilhosos em geral falsificavam a realidade e seriam perigosos para a criança, pois poderiam provocar em seu espírito uma série de alienações como: perda de sentido do concreto, evasão do real, distanciamento da realidade, imaginação doentia, etc. (COELHO, 1991c, p. 246).

Nos anos 1970 e 1980 surgiram inúmeros escritores e escritoras com uma postura crítica, conforme os relatos de Coelho (1991c, p. 259, grifos da autora),

[...] obedecendo a uma nova palavra de ordem: *experimentalismo* com a linguagem, com a estruturação narrativa e com o visualismo do texto; substituição da literatura confiante/segura por uma *literatura inquieta/questionadora*, que põe em causa as relações convencionais existentes entre a criança e o mundo em que ela vive, questionando também os valores sobre os quais nossa Sociedade está assentada.

Lembra Caldin (2010 b, p. 90) que nos “anos 80 e 90 a literatura infantil sofreu profundas mudanças: de segura, passou a crítica e questionadora” e “aparecem escritores com novas propostas inovadoras e criadoras, sintonizando a literatura infantil com a contemporaneidade brasileira”.

Pode-se citar, como expoentes da década de 70, os escritores Ana Maria Machado, Bartolomeu Campos Queirós, Eliane Ganem, Elias José, Fernanda Lopes de Almeida, Joel Rufino dos Santos, Lúcia Pimentel Góes, Lygia Bojunga Nunes, Raquel de Queiroz, Ruth Rocha, Sérgio Capaelli, Werner Zotz, entre outros. Nos anos 80 e 90, destacam-se: Ângela Lago, Ciça Fittipaldi, Eliardo França Érico Veríssimo, Eva Furnari Maria Dinorah, Orígenes Lessa, Pedro Bandeira, Sylvia Orthof, Vinícius de Moraes, entre outros. E no século XXI, acrescentam-se a esses, os nomes de Ângela Machado, Antônio Barreto, Béatrice Tanaka, Ieda de Oliveira, Maria José Silveira, Ulisses Tavares, só para citar alguns. (CALDIN, 2010b).

Esses autores descobriram uma forma de alegrar as crianças, unir as pessoas e as fazerem sonhar por meio de suas narrativas.

2.3 Os célebres dos contos de fadas

Entre os ilustres autores que enriqueceram a Literatura infantil em suas épocas, citar-se-á apenas aqueles que são considerados os mais notáveis em contos de Fadas: Charles Perrault, os irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm Grimm) e Hans Christian Andersen.

Quando hoje falamos nos livros consagrados como *clássicos infantis*, os contos-de-fada ou contos maravilhosos de Perrault, Grimm ou Andersen, [...] praticamente esquecemos (ou ignoramos) que esses nomes *não correspondem aos dos verdadeiros autores* de tais narrativas. São eles alguns dos escritores que, desde o século XVII, interessados na literatura folclórica criada pelo povo de seus respectivos países, reuniram as histórias anônimas, que há séculos vinham sendo transmitidas, oralmente, de geração para geração, e as transcreveram por escrito. (COELHO, 1991c, p. 12, grifos da autora).

Charles Perrault (1628-1703) nasceu em Paris, formou-se em advogado, porém, aos poucos foi se interessando por literatura. Seu primeiro poema foi *Retratos de Íris e Retrato da Voz de Íris*, em 1659. Com essa publicação Perrault

tentou provar aos contemporâneos que os contos franceses tinham algo em comum com as narrativas gregas: não feriam a verossimilhança, mas eram ficção. Seus poemas lhe abriram as portas para a corte barroca de Luís XIV, conhecido como o Rei Sol; Perrault era considerado o poeta oficial da corte.

Em 1663, Perrault foi promovido a secretário do Ministro Colbert, tornando-se político poderoso, controlador das finanças do governo. Em 1671, Perrault foi eleito membro da Academia Francesa de Letras. Nessa posição, ocupou-se da chamada *Querela entre os Antigos e Modernos*, opondo-se aos escritores que defendiam a soberania da língua grega clássica. Perrault e seus contemporâneos insistiam na importância da língua e da cultura francesa e instilavam seus textos com valores culturais de seu país. (CANTON, 2005, p. 11, grifos da autora).

Perrault freqüentava salões e saraus com recitais de contos de fadas, e, aos poucos, ficou conhecido como o autor de contos de fadas de sua época.

Perrault foi o primeiro a escrever histórias contadas pelos camponeses e a traduzi-las para o universo aristocrático. Então as reuniu em um livro intitulado *Contos da Mãe Gansa*, que dedicou à neta de Luís XIV. Segundo Machado (2010) esse conto ficou conhecido primeiramente como *As Histórias ou Contos do Tempo passado, com moralidade*, publicadas em 1697. Em suas histórias ele suavizava as partes violentas e introduzia o conteúdo mágico. No entanto, era extremamente crítico em relação à corte, uma vez que nos seus contos, personagens eram transformados de fortes e ricos em vilões, e os pobres, em heróis astutos. Perrault baseava-se em moleiros, lenhadores, gente humilde para escrever seus contos. Ao término de todos os contos Perrault apresentava um poema com uma lição de moral ou de *civilité* (civildade), para seus leitores e/ou ouvinte.

Segundo Coelho (1991b) a natureza dos argumentos dos contos escolhidos por Perrault para a sua coletânea, eram as mulheres, injustiçadas, vítimas ou ameaçadas. Coelho (1991b, p. 67) relata sobre a primeira obra de Perrault, *A paciência de Grisélidis*, de 1691, na qual “exalta a capacidade de resignação da mulher em face dos sofrimentos que o homem lhe impõe”. Neste conto o autor faz elogio à fidelidade e a paciência das mulheres.

Conforme Meireles (1984, p. 72-73),

Perrault esperava que as mães transmitissem a seus filhos essa herança do passado, cujo valor educativo encarecia. E foi feliz. Tanto seus três contos em versos “Grisélidis”, “Pele de burro” e “Os pedidos ridículos” como seus contos em prosa – “A bela adormecida”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Barba azul”, “O gato de botas”, “As fadas”, “A gaça borralheira”, “Riquete de crista” e “O pequeno polegar” são populares não só na França, mas no mundo

inteiro, e de tal modo absorvidos na tradição comum que poucas pessoas, ao contá-los, sabem que foram recolhidos por Charles Perrault.

Esses são os contos mais populares de Perrault, e que ainda são conhecidos até os dias de hoje. Conforme Carvalho e Ceccantini (2004, p. 159),

[...] os contos populares coletados e adaptados por Perrault [...] recebem excelentes acolhida do público em geral e em especial do público infantil. A obra ganha sucessivas edições ao longo do tempo, até praticamente tornar-se sinônimo de literatura infantil.

Muitos desses contos foram adaptados em várias línguas e países diversos, conforme o contexto histórico de cada um. O conto de fadas *Cinderela*, por exemplo, segundo Canton (2005, p. 7) é bem antigo e anterior a Perrault: “Há mais de 400 versões contabilizadas dessa narrativa, que podem variar de textos da China antes de Cristo até as interpretações norte-americanas de Walt Disney nos anos 1940”.

Mas a versão que mais se popularizou entre as crianças foi a de Charles Perrault, do século XVII.

Para Arroyo (1988, p. 30),

A importância de Perrault não é apenas de criador, mas também a de escritor que rompeu com o preconceito mantido em torno da cultura popular e em torno da criança. Graças ao seu livro possibilitou o florescimento de uma série de autores importantes para a literatura infantil, tanto em seu país como em outras nações da Europa.

Após a Revolução Francesa em 1789, abriu-se uma nova era, a Romântica. “Novamente as fadas passam para segundo plano, no interesse dos adultos, e refugiam-se no mundo infantil”. (COELHO, 1991b, p. 71).

Outros importantes nomes da compilação e disseminação das narrativas foram os alemães irmãos Grimm. Jacob Ludwig Karl Grimm (1785-1863) e Wilhelm Karl Grimm (1786-1859) nasceram em Hanau, perto de Frankfurt, Alemanha. Na Universidade de Marburgo formaram-se em Direito e Filosofia. Segundo Canton (2006, p. 9) “Jacob, por razões econômicas, foi obrigado a trabalhar como bibliotecário pessoal de Bonaparte, em Kassel, apesar de sua aversão ao domínio Francês”.

Esses escritores publicaram no século XIX os contos recolhidos da memória popular alemã. Foram cerca de cinquenta narrativas, na primeira edição do livro “*Histórias das crianças e do Lar*”. Muito embora as narrativas francesas e alemãs tivessem muitos pontos em comum, as versões dos irmãos Grimm foram mais leves

que as do francês e incentivavam, segundo a literatura, o conformismo e a submissão.

De acordo com Carvalho e Ceccantini (2004, p. 160) os irmãos Grimm, “Representam um estágio em que a matéria narrativa bruta de tradição oral já passou por maiores transformações, estando impregnada da visão de mundo burguesa, própria da idade contemporânea”. Estes autores possuíam um estilo próprio de contar histórias, sempre voltados para a cultura alemã. As estruturas de suas histórias davam-se por repetições de acontecimentos e refrões das situações conhecidas; assim o leitor/ouvinte ao escutar a história sendo lida/contada já antecipa o que acontecerá na história, sentindo-se seguro.

Conforme Coelho (1991b, p. 73, grifo da autora) os Irmãos Grimm:

Recolhem da *memória popular* as antigas narrativas maravilhosas, lendas ou sagas germânicas, onde se mesclavam relatos das mais diversas fontes, que os germanos, ao longo dos séculos, foram acrescentando aos seus próprios.

Os principais contos de fadas escritos pelos irmãos Grimm e que são célebres até os dias de hoje são: *Rapunzel*; *Branca de Neve*; *O Príncipe Sapo*; *Chapeuzinho Vermelho*; *João e Maria*; *Cinderela*.

Em seus contos estes escritores procuravam passar a natureza, como relata Canton (2006, p. 13), “Com a paixão que eles tinham pelas fazendas e bosques, pela natureza e pelos camponeses, os irmãos Grimm também transformaram bosques e florestas no local fundamental de transformação dos personagens”. Mais adiante, Canton descreve a importância e o carinho que o povo alemão tinha para com os irmãos Grimm: “Os dois estão enterrados no cemitério de St. Matthaus Kirchlof, próximo a Berlim, Há um museu, o Brüder Grimm-Museum Kassel, na cidade de Kassel, Alemanha, dedicado aos dois”. (CANTON, 2006, p. 14).

Nas narrativas de Grimm e Perrault preponderam o bom humor; dessa forma busca-se a neutralização do medo ou dramas existentes nos contos, assim explica-se o gosto das crianças por essas histórias.

Não se pode deixar de citar Hans Christian Andersen (1805-1875), que nasceu na cidade de Odense, na Dinamarca. Após a morte de seu pai em 1816, Andersen precisou trabalhar para se sustentar. Segundo Canton (2005, p. 11) ele “foi aprendiz de alfaiate e operário em uma fábrica de fumo, até que resolveu ir

tentar a carreira artística como cantor e ator. Mudou-se para a capital dinamarquesa, Copenhagem, e procurou o Teatro Real”.

Andersen conheceu Jonas Collin, um oficial do governo e um dos diretores do Teatro Real; este o adotou, matriculou-o em um colégio interno, e, posteriormente, pagou sua faculdade.

É conhecido como o verdadeiro criador da literatura infantil, poeta, romancista e “[...] *redescobridor* da literatura guardada pela memória do povo e *criador* de uma nova literatura [...]”. (COELHO, 1991b, p. 76, grifos da autora).

Isso porque, ao contrário de Perrault e dos irmãos Grimm, que coletavam os contos da oralidade popular, Andersen escreveu alguns contos de acordo com sua imaginação criadora. Entre os cento e cinquenta contos de fadas escritos por Andersen, pode-se dizer que menos da metade foram baseados em tradições orais ou manuscritos, e as demais foram invenções próprias do autor, baseadas no cotidiano.

Complementam Carvalho e Ceccantini (2004, p. 160):

No caso de Andersen, é importante destacar que, em meio aos contos coletados e adaptados da tradição oral popular escandinava, há narrativas que são livres de produtos da criatividade e imaginação do autor, ainda que fiéis ao espírito dos demais contos.

Seus principais contos foram: *A Rainha da Neve*; *A Pequena Sereia*; *A Roupa Nova do Rei*; *A Princesa e a Ervilha*; *O Valente Soldadinho de Chumbo*; *O Patinho Feio*; *Polegarzinha*; *A Pequena Vendedora de Fósforos*. “Escreveu também relatos de viagens, poesia, romance e uma autobiografia ficcional”. (MACHADO, 2010, p. 178).

Os momentos de bom humor e descontração nos contos de Andersen são poucos, (diferente do universo literário de Perrault e Grimm), pois neles predominam, em geral, um ar de tristeza ou dor; em compensação, há ali uma enorme ternura humana, principalmente dirigida aos pequenos e desvanecidos.

Revela Coelho (1991c, p. 151):

Na ternura que ele demonstra, em suas histórias, pelos pequenos e desvalidos, encontramos a generosidade humanista e o espírito de caridade próprios do Romantismo. No confronto constante que Andersen estabelece entre o poderoso e o desprotegido, o forte e o fraco, mostrando não só a injustiça do poder explorador, como também a superioridade humana do explorado, vemos a funda consciência de que todos os homens devem ter direitos iguais.

Os contos destes autores célebres eram constituídos de um universo repleto de misticismo e de apuradas habilidades literárias; a oralidade popular foi o pano de fundo para a escrita dessas histórias que permanecem até nossos dias. Traduzidas, adaptadas, desconstruídas, não perderam seu encanto. E, cada vez que um contador de histórias reúne um grupo de crianças e narra uma dessas histórias, está prestando um tributo aos célebres dos contos de fadas.

2.4 A figura do contador de histórias

A narração oral, feita pelos mais velhos, sempre foi uma prática apreciada. O contador de histórias resgatava a memória popular, a vida dos ancestrais, os acontecimentos de terras distantes, o imaginário do povo.

Lembra Benjamin (1994, p. 203) que “o primeiro narrador grego foi Heródoto”. Mas na Grécia antiga há relatos de contadoras de histórias que distraiam as crianças à beira da morte. Segundo Warner (1999, p. 39), “quando os meninos e meninas de Atenas estavam prestes a embarcar para Creta, para serem sacrificados ao Minotauro¹⁷, velhas senhoras desciam até o porto para lhes contar histórias e distraí-los de seu sofrimento”.

A figura da mulher como contadora de histórias é muito forte. Os contos de fadas, especialmente eram narrados por senhoras; dessa forma, ficou conhecido como o conto das velhas.

Descreve Warner (1999, p. 43):

Portanto, embora os escritores e colecionadores do sexo masculino tenham dominado a produção e a disseminação de contos maravilhosos populares, estes freqüentemente eram transmitidos por mulheres no ambiente íntimo ou doméstico. Essas fiandeiras de contos muitas vezes apresentam-se como Scherazades, usando a narrativa para obter uma resolução satisfatória e justa.

Na Idade Média, era costume, ao final do dia, toda a família se reunir ao redor de uma fogueira: os homens consertavam os instrumentos de trabalho, as mulheres

¹⁷ “[...] era um ser híbrido, com corpo de homem e cabeça de touro, habitava um labirinto construído por Dédalo, o lendário famoso, inventor e arquiteto. Alimentava-se de carne humana até o dia em que foi derrotado pelo herói grego Teseu”. (BUSATTO, 2003, p. 22).

remendavam roupas, as crianças ficavam por perto, escutando os relatos de uma contadora de história. Nesse período, não se valorizava a infância como uma época especial da vida e os contos eram maliciosos, por vezes até pornográficos.

No Brasil os primeiros contadores de histórias foram os escravos, mais precisamente as escravas, que andavam de engenho em engenho contando histórias. Essas histórias eram as africanas, as portuguesas de Trancoso, e as francesas e alemãs, de madrastas, princesas, gigantes, pequenos polegares, infinitas outras (ARROYO, 1988). E assim, deu-se início aos contos no Brasil por meio dos contos europeus e africanos. E não se pode esquecer-se dos índios que se reuniam em rituais de círculos para contarem suas histórias, suas descobertas, suas crenças, estas feitas em formas de narrativas.

Sisto (2001, p. 60) explicita:

A história, como elemento lúdico, por exemplo, era artifício das escravas, das amas de leite, para tranquilizarem as crianças deixadas sob sua guarda. A história, como elemento sagrado, proferido pelo reconhecimento do valor das palavras, com força ritualística e congregadora sempre foi “arma” dos negros e dos índios.

Porém, com o passar dos anos a figura do narrador de histórias foi desaparecendo no mundo ocidental, as pessoas não se interessam mais em sentar-se ao redor de uma fogueira e ouvir uma boa história.

Sisto (2001, p. 21) lamenta,

Hoje não há mais a fogueira e o ritmo da noite, aconchegando ouvintes em torno dos acontecimentos guardados na memória do narradores tradicional. Hoje não há mais a música do tear entrelaçando as histórias que se contavam como cânticos de trabalho.

Desde o surgimento do livro na Idade Média, a maioria dos narradores não se preocupou mais em memorizar um conto, que seus ancestrais passaram de pai para filhos. Simplesmente baseiam-se na leitura de um conto, aproveitando-se das ilustrações.

Benjamin (1994, p. 197-198) diz que “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”, pois “quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza”, é “como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. E continua: “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e

ela se perde quando as histórias não são mais conservadas”. (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Cabe lembrar que a visão pessimista de Benjamin deve-se ao contexto: era a situação da pós-guerra, em que as pessoas estavam mais preocupadas com as necessidades básicas da vida e desconfortáveis para trocar experiências.

Atualmente o contador de histórias é um narrador urbano. Diante disso, Busatto (2003, p. 80), coloca seu ponto de vista: “O conto deve voltar a ocupar o espaço da casa, escola, entrar em clubes, nos centros comunitários, hospitais, asilos, creches, ruas... enfim, não importa o lugar e, sim, que ele volte a ocupar o espaço que já foi seu”.

E ainda sobre esse mesmo fio a autora Bortolin (2010, p. 55, grifos da autora), também apresenta o seu pensar:

Apesar de estar ciente que a disponibilidade de tempo na atualidade vem diminuindo em virtude da carga de compromissos (familiares, escolares e profissionais), acredito que é uma iniciativa saudável reservar momentos de oralidade, em que cada um possa contar histórias acontecidas durante a semana. Narrar suas *leituras de mundo* e para que isso ocorra não é necessário um espaço formal/reservado, apenas a abertura de um espaço de tempo em nossas vidas.

Faz-se necessário que as pessoas voltem a contar histórias, para que as próximas gerações tenham contato com esse mundo extraordinário. Igualmente, precisam ter ciência da importância de um conto, de uma narrativa, a fim de começarem a preservar esse momento que exerce fascínio sobre as pessoas.

Busatto (2003, p. 82), acrescenta:

Temos muito a aprender com os velhos contadores, que intuitivamente sabiam o que os ouvintes estavam precisando naquele momento da narrativa, sensibilizando-os por horas a fio. Narrar é um desafiante exercício de palavras e afetos, conferindo-lhes forma e visibilidade.

Mas felizmente, por volta do século XX o contador de histórias volta a dar o ar de sua graça. É por meio de cursos e oficinas técnicas que estes se especializaram e estão conquistando seus lugares; grande exemplo são os bibliotecários e os professores, exercendo essa atividade no âmbito das escolas, dessa forma incentivando os alunos à leitura.

Segundo Sisto (2001, p. 60) “O crescente interesse pelo trabalho dos contadores de histórias está estritamente ligado à disseminação de bibliotecas pelo país”. Assim sendo, a biblioteca deixou de ser um simples depósito de livros, e

ganhou vida nova, pois com essa atividade na biblioteca, o leitor após se deliciar com a narração de história, passa a se interessar pelo livro.

De acordo com Fleck (2009, p. 35):

O que define [...] o contador contemporâneo é o fato de ser urbano, ou seja, vive e trabalha na cidade, ali também se manifestando. Ele carrega consigo as marcas de seu tempo, apropriando-se dos recursos tecnológicos e dos meios de comunicação em sua performance.

O contador contemporâneo baseia-se em livros antes de contá-los, diferente do contador tradicional que baseava em contos narrados por seus ancestrais, em acontecimentos de seu cotidiano e entre outras formas de narrativas.

Sobre esse novo contador Sisto (2001, p. 62) relata que “Surpresa mesmo foi quando os contadores começaram a contar as histórias que estão nos livros de hoje, de autores nossos contemporâneos, de autores até mesmo vivos”. Esses contadores fazem uso de textos de autoria e estilos diversos. Em relação à *Hora do Conto*, esse mesmo autor revela que “O que antes era só espontâneo, passou a ser melhor previsto, repetido, ensaiado, testado, até a aquisição da naturalidade e o mínimo domínio para a apresentação pública. A Hora do Conto virou Sessão de Contos!”. (SISTO, 2001, p. 62). Isso não significa desqualificar a espontaneidade, apenas indica o cuidado que o narrador contemporâneo tem com seu público, haja vista que a memória, tão prezada nos tempos primordiais, foi substituída por técnicas e estratégias de contação de histórias.

Os contadores estão se especializando nas técnicas, se preparando, ensaiando, antes de contar histórias, ou seja, daquele pequeno público dos contadores tradicionais, passou-se a contar para grandes públicos.

Mesmo com a era da informação, os meios de comunicação surgindo como um novo meio de lazer para o sujeito, este ainda busca ler/ouvir uma boa história, pois queira quer não, mesmo sendo pequena e direta uma informação lida em um jornal ou ouvida em um aparelho de televisão, passará a essência de uma narrativa: é sempre a história de alguém. E nada tira o fascínio de uma boa história contada.

Assim, a figura do contador de histórias desempenhou no passado e continua desempenhando nos dias de hoje um papel importante. Quando se trata de narrar histórias para crianças, ele se preocupa sobremaneira em despertar e manter o interesse do público.

O narrador, durante a *Hora do Conto*, precisa estar ciente de alguns fatores a fim de alcançar sucesso com as crianças, tais como: suas habilidades, o preparo do ambiente, a preparação dos ouvintes, a duração da história.

Afirmam Barcellos e Neves (1995, p. 28):

O tempo dispendido na Hora do Conto, particularmente na etapa da narração, deve ser controlado, de forma que esta não fique tão curta que deixe, nos ouvintes, uma sensação de falta, nem tão longa que permita que as crianças percam o interesse, no decorrer da narrativa. A história, propriamente dita, não deve ultrapassar quinze ou vinte minutos.

Com esses cuidados, é menor o risco de haver dispersão entre as crianças. Sugere-se que a *Hora do Conto* desde o seu preparo, narração, comentários de brincadeiras, não exceda mais que quarenta minutos.

Durante a narração, poderá ocorrer a participação de alguma criança; essa interrupção pode ser prejudicial ao bom andamento do conto; para evitar isso, Barcellos e Neves (1995, p. 35) sugerem que o contador confirme “que entendeu, através de um sorriso ou de um gesto de aprovação” e, ao término da narração, deverá passar a palavra para a criança.

O narrador precisa ser cauteloso ao narrar um texto, com seus gestos e até mesmo com suas expressões, pois de acordo com Sisto (2001, p. 47) “Texto, gestos e expressões devem funcionar apenas como esboço, a fim de ser completado por esse espectador que queremos tão particular”.

Destaca-se que a arte de contar um conto depende do contador, do ouvinte e do conto, estes precisam estar em harmonia. Destaca-se, também, que ler e contar exigem atitudes diferentes do leitor e do contador.

Matos e Sorsy (2009, p. 8-9) apresentam uma diferença entre contar e ler uma história:

A arte do contador envolve expressão corporal, improvisação, interpretação, interação com seus ouvintes. O contador, [...] recria o conto juntamente com seu auditório, à medida que conta. O leitor, por sua vez, empresta sua voz ao texto. Pode utilizar recursos vocais para que a leitura se torne mais envolvente para o ouvinte, mas não recria o texto, não improvisa a partir dos estímulos do auditório.

O contador deve memorizar o conto e para isso existem alguns segredos; ou apropriar-se de algumas semelhanças que há entre si e a história dos personagens de um conto, algumas características que o farão lembrar-se da história a ser contada. Assim, explicitam Matos e Sorsy (2009, p. 11):

Além de compartilhar experiências, o contador também compartilha sonhos. Porém, não se compartilha aquilo que não se possui. É necessário apropriar-se também dos sonhos de um herói, torná-lo os seus próprios, para só então oferecê-lo aos ouvintes.

Ao contar um conto o narrador deve sugerir imagens ao ouvinte, mas não exagerar nos detalhes, uma vez que o ouvinte deve exercitar seu próprio imaginário. “O ouvinte, dessa maneira, estará livre para criar seus próprios personagens a partir de suas experiências e de suas preferências”. (MATOS; SORSY, 2009, p. 34).

Para conquistar a atenção dos ouvintes, o contador pode estimular a imaginação deste, por meio de canções, adivinhas, brincadeiras; é preciso que o contador utilize-se de algum talento para prender a atenção dos ouvintes.

Segundo Matos e Sorsy (2009, p. 135), “As fórmulas introdutórias cumprem sua função de nos transportar para o espaço e tempo mágico”. Ao final do conto, o contador deve trazer seus ouvintes ao mundo real e para que esses não se dispersem poderá utilizar-se também de canções, adivinhas, brincadeiras. Essas fórmulas podem variar ou ser sempre as mesmas, dependerá de cada contador, de cada situação, de cada público, enfim.

Quanto ao conto, o contador deve se sentir atraído por ele, e assim direcionar a história ao público, levando em conta a sua faixa etária. Matos e Sorsy (2009, p. 56), complementam: “uma escolha consciente de histórias deve ter relação com o nível de compreensão da platéia e com a intenção do contador de deixar uma impressão permanente no ser interior de seus ouvintes”.

Contudo, na hora de contar histórias o contador precisa prestar atenção quanto ao local adequado, este precisa ser aconchegante, silencioso, pois a voz é o instrumento principal do contador.

Lembra Sisto (2001, p. 49): “Com a voz também se toca, se tateia, se abraça, se soca, se afaga, se acaricia, se...”. Isso implica em o contador utilizar diferentes tons, volumes na voz, durante a contação; quanto à expressão corporal é feita em conjunto com sua fala.

Também poderá se apoderar de técnicas, tais como: utilizar-se de fantoches, músicas, figurino, aventais com objetos moveis, dedoches, cineminha, teatro de sombras, flanelógrafo, álbuns seriado, entre outras.

Segundo Coelho (1986, p. 13)

Nem toda história vem no livro pronta para ser contada. A linguagem escrita, por mais simples e acessível, ainda requer a adaptação verbal que facilite sua compreensão e a torne mais dinâmica, mais comunicativa. Naturalmente, é necessário fazer uma seleção inicial, levando em conta, entre outros fatores, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições sócio-econômicas.

Essa preocupação em preparar o ambiente, valer-se de recursos diversos, modular a voz, escolher bem uma história e contá-la mantendo acesa a chama do interesse do público tem uma razão de ser: as histórias são importantes no imaginário infantil. É o que será apresentado a seguir.

2.5 Importância das histórias infantis no imaginário das crianças

Para os orientais os contos orais, informa Busatto (2003, p. 17), tinham capacidades terapêuticas:

[...] neles estão contidos o conhecimento e as idéias de um povo, e que através deles era possível indicar condutas, resgatar valores e até curar doenças. Eles acreditavam no poder curativo do conto, e em muitas situações o remédio indicado era ouvir um conto e meditar sobre ele. Neste caso o conto funcionava como um reestruturador do desequilíbrio emocional que provocou o distúrbio físico. Aqui o conto adquire um caráter terapêutico, encanta curando.

Atualmente a crença no poder curativo das histórias permanece. A biblioterapia, por exemplo, entendida como a terapia por meio de livros, tem sido prática difundida em creches, orfanatos, escolas, asilos, presídios, enfim, onde houver um público disposto a ouvir histórias e um contador disposto a narrá-las.

Em se tratando de crianças, lembra Caldin (2010 a, p. 101) que o “aplicador da biblioterapia está ciente de que, ao atuar no espaço poético, está em terreno carregado de potencialidade terapêutica, que o curativo é potência na experiência estética [...]”.

O literário, assim, age como um bálsamo, ao mesmo tempo em que incita à imaginação. Acredita-se que o conto infantil estimula a criança à criatividade, aguça sua inteligência, sua sensibilidade e sua formação integral. Para Girardello (2003, p. 1, grifos da autora),

A narrativa chega cedo à vida da criança, já em seus primeiros dias de vida. Chega através do padrão musical regular dos acalantos, que, como as histórias, se abrem e fecham nitidamente, contendo em si um mundo particular. Chega através das letras das cantigas que tantas vezes contam histórias, como *O Cravo brigou com a Rosa*, *Ciranda Cirandinha*, *A Canoa Virou e Atirei o Pau no Gato*, para ficar nos exemplos mais óbvios. Chega através das canções que marcaram a infância e a juventude da mãe e do pai que a embalam no colo, selecionadas de um arquivo pessoal de favoritas aprendidas também no rádio e na TV.

Ao ouvir uma história a criança ativa a imaginação para criar cenário por meio de experiência interior; sendo assim a criança traz para o seu cotidiano fatos narrados da história que lhe foi contada. Assim, acrescenta Busatto (2003, p. 18): “Esta possibilidade de imaginar o espaço e o tempo onde ocorre a história nunca será a mesma, considerando-se apenas os elementos que o conto oferece. Ela será construída pela imaginação de cada ouvinte, logo, será única”. Todavia essas histórias por elas ouvidas não provocam as mesmas sensações em todas as crianças, pois cada uma delas vive uma realidade diferente da outra.

Para Caldin (2010b, p. 108, grifo da autora), a imaginação é “como um fenômeno psíquico de ordem cognitiva, pois imaginar implica tanto criar quanto reproduzir algo com base em conhecimento”. Mais adiante, a autora relata que “a imaginação já foi considerada uma atividade menor que a razão e, depois, ganhou *status* de função criadora”.

É por meio da imaginação que a criança alcança um mundo diferente da realidade: pelos contos, seja conto de fadas, contos maravilhosos, lendas, mitos; por meio da poesia; música; desenhos; filmes, teatros.

Segundo Carvalho (1985, p. 48) “a imaginação é forma de desenvolvimento intelectual, e o melhor meio de torná-la fecunda é através da Literatura para a criança”.

A imaginação mediada pela narração permite criar cenários, lugares, personagens, roupas, tudo o que se quiser, pois a capacidade de criar imagens é ilimitada no ser humano.

Segundo Campos (2010, p. 25) “a atividade de narrar histórias, por seu lado, é espaço para exercício da imaginação, permitindo às crianças ampliar suas experiências e suas formas de perceber e sentir as coisas do mundo”.

Dessa maneira, a criança, estimulada pela narração de histórias, passa a imaginar inúmeras coisas, tanto as que presencia no seu dia-a-dia, ou o que assiste nos meios de comunicação, como em suas leituras, ou seja, imagina desde as

coisas simples até as mais complexas; só por meio da imaginação consegue criar outra realidade, diferente da cotidiana.

Para Carvalho (1985, p. 18) “a estória ou o conto, com as devidas técnicas de adequação, é um centro de interesse e curiosidade inesgotável”. Assim como os adultos entram no mundo imaginário quando lêem um livro ou ouvem uma história, a criança também entra no mundo ficcional e, curiosa, quer viver as aventuras das personagens. A necessidade de adentrar no imaginário é mais forte nas crianças do que nos adultos. Estes últimos têm sua imaginação limitada pelo entendimento do real. As crianças, por outro lado, chegam a acreditar tanto nos contos que os consideram reais, como exemplo os contos mais comuns alimentados pelos adultos no imaginário das crianças que são: Papai Noel, Coelho da Páscoa.

De acordo com Caldin (2010 a, p. 147-148):

[...] o poeta (aqui entendido como o autor do texto literário) vale-se de situações que poderiam ser reais e as apresenta na efabulação. Ao assim proceder, refere-se ao universal, permitindo ao leitor (ouvinte ou espectador) particularizar segundo sua necessidade. Além disso o autor, conquanto tenha feito escolha gratuita das personagens e de seus modos de ação (colocando, dessa forma, sua subjetividade no texto literário), ao inserir situações verossímeis na narrativa torna muito tênue a fronteira entre o que é real e o que não o é, haja vista que as aspirações, necessidades ou experiências manifestadas pelas personagens são, de fato, bem reais para os leitores, ouvintes ou expectadores.

Então, a literatura infantil, permeada de seres fantásticos e aventuras incríveis, é fundamental para o imaginário das crianças.

Carvalho (1985) ressalta que as crianças necessitam conhecer e ler os livros de contos infantis em suas escolas, em seus lares, no seu cotidiano, pois esta leitura instiga seu “mundo mágico”, este mundo em que ela constrói e destrói. Acrescenta a autora que “A imaginação bem motivada é uma fonte de libertação, com riqueza. É uma forma de conquista de liberdade, que produzirá bons frutos [...]”. (CARVALHO, 1985, p. 21).

Entretanto, é indispensável enriquecer o imaginário da criança com experiências da realidade existente, pois “quanto mais a criança conhece os elementos da realidade e deles se apropria em suas experiências, mais importante e rica será a atividade de sua imaginação”. (CAMPOS, 2010, p. 33).

É por meio das experiências, do aprendizado no seu cotidiano, que a criança encontrará o caminho da imaginação. Dessa forma, a narração de histórias passa a

ser uma grande aliada nesta tarefa lhe proporcionando oportunidades de criar imagens do seu cotidiano e construir imagens nunca vistas antes.

De acordo com Campos (2010, p. 34) “Nos contos, surge a fantasia – e, por meio destes, é possível que a tristeza se transforme em alegria, que o impossível aconteça, e o sonhado passe a ser realizável”. A criança passa a acreditar em seus sonhos, imaginando fórmulas para torná-los reais por meio desse conjunto de imaginação, fantasia e realidade.

Nessa imbricação fantasia/realidade, está muito presente o fantástico.

Held (1980, p. 23) assim define o fantástico:

Se o fantástico se opõe ao real, será fantástico o que for “criado pelo espírito, pela fantasia”, definição que quer, antes de mais nada, acentuar a parte de escolha, de arbitrário, de um espírito que “faz existir” o que coloca. Donde esta precisão dada por alguns tratados: “contos fantásticos: contos em que são introduzidos seres irreais”.

Nesse contexto a autora classifica os contos de Perrault, Grimm, Andersen, entre outros, como sendo contos fantásticos, pois há a presença de seres irreais, tais como: bruxas, gênios, fadas e sereias, infinitos outros exemplos. “[...] o fantástico seria o irreal no sentido estético daquilo que é apenas imaginável; o que não é visível aos olhos de todos, que não existe para todos, mas que é criado pela imaginação, pela fantasia de um espírito”. (HELD, 1980, p. 25).

Em paralelo às histórias lidas ou narradas, as brincadeiras também desempenham importante papel na imaginação das crianças. Quando a criança brinca de casinha, de boneca, ou de cavaleiro, de bombeiro, ela está se imaginando nestas cenas, e assim, cria cenários, personagens, objetos, tudo para deixar sua brincadeira mais real.

É por isso que os contadores de histórias fazem dos momentos narrativos uma gostosa brincadeira. E é por isso, também, que a *Hora do Conto* continua sendo apreciada por adultos e crianças.

3 METODOLOGIA

Entende-se por metodologia os procedimentos utilizados na pesquisa, ou seja, os métodos, as técnicas, e os materiais, dos quais estarão estreitamente relacionados com o problema da pesquisa.

Segundo Silva e Menezes (2005, p. 32) é a metodologia que definirá “onde e como será realizada a pesquisa” e “definirá o tipo de pesquisa, a população (universo da pesquisa), a amostragem, os instrumentos de coleta de dados e a forma como pretende tabular e analisar seus dados”.

Do ponto de vista dos objetivos, será uma pesquisa descritiva que segundo Gil (2002, p. 42), “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Nesse trabalho se descreverá o local pesquisado, o público, a tipologias das histórias, a duração, e se valerá de observação sistemática das atividades desenvolvidas nas instituições observadas.

Conforme Rudio (2009, p. 71, grifo do autor):

[...] a *pesquisa descritiva* deseja conhecer a sua natureza, sua composição, processos que o constituem ou nele se realizam. [...] O problema será enunciado em termos de indagar se um fenômeno acontece ou não, que variáveis o constituem, como classificá-lo, que semelhanças ou diferenças existem entre determinados fenômenos, etc.

Utiliza-se desta pesquisa para estudar as características de um grupo, com o intuito de saber, por exemplo, a idade, sexo, nível de escolaridade e afins. No presente, o grupo estudado serão as crianças e os narradores de histórias.

Para Silva e Menezes (2005, p. 33) a coleta de dados na observação ocorre “quando se utilizam os sentidos na obtenção de dados de determinados aspectos da realidade”. Sobre a observação sistemática as autoras relatam que esta observação precisa ter planejamento, e necessita ser realizada em condições controladas, a fim de responder aos propósitos preestabelecidos.

Em relação ao planejamento de uma observação sistemática Cruz Neto (1999, p. 59) ressalta que:

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de

perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.

Rudio (2009, p. 47, grifo do autor), complementa: “pode ser feita de modo *direto*, isto é, aplicando-se imediatamente os sentidos sobre o fenômeno que se deseja observar” ou “de modo *indireto*, utilizando-se instrumentos para registrar ou medir a informação que se deseja obter”.

Utiliza-se essa técnica para permitir que o pesquisador obtenha materiais, a partir do comportamento dos indivíduos, a respeito dos objetivos sobre os quais os próprios indivíduos desconhecem; sendo assim, seu papel é importante no contexto da descoberta.

E com base nos procedimentos técnicos utilizados, será uma pesquisa bibliográfica e estudo de caso. A pesquisa bibliográfica baseia-se em materiais já publicados. Para este estudo foram utilizados livros, artigos, dissertações, teses e trabalhos acadêmicos.

A pesquisa bibliográfica segundo Gil (2002, p. 45):

Reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Desta forma, com está pesquisa o pesquisador não precisa percorrer a sua população para encontrar informações já existentes em bibliografia adequada.

Referente ao estudo de caso Gil (2002, p. 54) descreve que, “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados” e “seus resultados, de modo geral são apresentados em aberto, ou seja, na condição de hipóteses, não de conclusões”.

O estudo de caso tem por objetivo medir a visão global do problema a ser resolvido e não avaliar o conhecimento preciso das características de uma população.

Está pesquisa teve como campo de estudo duas Instituições que valorizam o incentivo à leitura, ambas localizadas em Florianópolis/SC, e, como sujeitos de pesquisa, as crianças que participam da *Hora do Conto* e seus (as) narradores (as).

Uma das Instituições observada foi a *Livraria Catarinense*, situada na Rua Felipe Schmidt, Centro, próximo da Praça XV, uma das praças mais visitadas pelos

turistas desta cidade. Muitas crianças que participaram desta atividade estavam passeando com seus pais pelo centro e resolveram entrar na Livraria e se deparavam com a *Hora do Conto*. Como gostaram da atividade, permaneciam a escutar as histórias. Outras crianças já conheciam esta atividade e eram ouvintes assíduos das histórias.

A outra Instituição foi a *Biblioteca Barca dos Livros*, localizada em um sobrado em frente ao trapiche no bairro Lagoa da Conceição. A atividade aqui observada contou com crianças de escolas que agendaram suas visitas com antecedência. Tais escolas são localizadas em Florianópolis e a maioria são próximas à Biblioteca: Colégio da Lagoa, no bairro Lagoa da Conceição; Escola da Ilha, situada no bairro Córrego Grande; Escola Expressão localizada no bairro Rio Vermelho; Escola da Fazenda localizada no bairro Campeche. A exceção é a CEI Coqueiro, escola localizada no bairro de Coqueiros.

Foram observadas e analisadas as reações das crianças frente às contações de histórias, suas reações diante de histórias alegres, histórias tristes, e suas relações com personagens citadas nas mesmas. Observou-se como os narradores reagem diante das crianças, analisou-se seus métodos empregados em cada narração de história.

Enfim, se procedeu à verificação das histórias contadas, seus públicos e narradores.

4 RELATÓRIO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES

Nessa seção, relata-se as observações feitas na *Livraria Catarinense* e na *Biblioteca Barca dos Livros*, entre os meses de março a junho de 2011. Ao todo foram realizadas oito observações em cada Instituição.

Serão descritas as contações de histórias, com o objetivo de verificar quais histórias são mais contadas, os métodos empregados e o período de atenção das crianças perante as histórias. E observar as reações das crianças diante da história e se despertou o gosto pela leitura nas crianças.

4.1 Livraria Catarinense

A Livraria Curitiba possui 48 anos. Foi fundada pelo comerciante catarinense Valentim Pedri. Sua primeira sede foi na cidade de Curitiba, e aos poucos foram abertas filiais no Estado do Paraná. Posteriormente, expandiram-se no Estado de Santa Catarina, com a denominação Livraria Catarinense. Nos primeiros anos vendiam somente materiais didáticos, após, e com a loja de *megastores*, começaram a vender livros, CDs, DVDs, produtos para informática e afins.

Hoje existem mais de 18 lojas, em três Estados do Brasil; estes são: Paraná; Santa Catarina e São Paulo, localizadas nas cidades de: Curitiba, São José dos Pinhais, Londrina, Maringá, Balneário Comburui, Florianópolis, Joinville, Blumenau e São Paulo. No Estado do Paraná e São Paulo e a cidade de Joinville/SC são denominadas como Livraria Curitiba. Um dos valores da Livraria Curitiba é “Incentivo à leitura para o desenvolvimento do ser humano”. (LIVRARIA..., 2011).

A Livraria Curitiba e a Livraria Catarinense possuem um repertório bastante diversificado em relação à cultura. Na Livraria observada neste trabalho acontecem: Exposição, Clube de Conversações de inglês, Escritor do Mês, Sábado Musical e a *Hora do Conto*.

O foco da presente pesquisa é a observação da atividade *Hora do Conto*. Essa atividade ocorre em todas as lojas das Livrarias Curitiba e Livrarias

Catarinense. No espaço da Livraria Catarinense localizada na Rua Felipe, nº 60, no Centro de Florianópolis, acontece todos os sábados das 10h às 12h, mediados por uma única contadora de histórias, cujo nome é Sandra, conhecida entre as crianças como tia Sandra. Salienta-se que ela também realiza a *Hora do Conto* na Livraria Catarinense do Beiramar Shopping, nesta acontece das 15h às 17h, mas a observação da acadêmica foi apenas na loja do centro da capital.

Com o intuito de entender melhor essa atividade foram realizadas várias audições; a acadêmica assistiu as contações de histórias e observou a reação das crianças. Durante uma dessas audições, a acadêmica obteve uma entrevista com Sandra, que é professora da Escola Expressão, formada pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA de Porto Alegre/RS. Foi perguntado a ela como e quando iniciou, e desde quando ela ministra essa atividade? Sua resposta:

Iniciou com um projeto há muito tempo atrás, essa atividade era realizada por um pessoal que contavam histórias, mas não era uma professora contando histórias, era um pessoal de recreação, que liam os livros para as crianças, mas não trabalhavam em cima do livro, pois eu conto a história, por exemplo, a da *Ninoca*, é um livrinho bem infantil, mas com ele consigo trabalhar a imaginação, a alimentação da criança. Consigo trabalhar tudo isso, e as pessoas que aqui estavam não faziam isso, só contavam a história. Já estou aqui há uns dez anos contando historinhas. Parei um tempo, porque as outras Livrarias de outros lugares estavam com recreação, então acharam que a Livraria aqui do centro e a do Beiramar Shopping com a recreação chamariam mais públicos, mais crianças. Mas aconteceu ao contrario, os pais começaram a fazer reclamações nas caixas de sugestões, pedindo para que a tia Sandra voltasse – Da tia Sandra as crianças gostam, a recreação é só para encher balões e após as crianças vão embora. Pois não havia o contato das crianças com os livros. Por volta de seis meses depois a Livraria me chamou, e estou até hoje (SANDRA, 23 mar. 2011).

Das crianças que participam da atividade, algumas são levadas por seus pais e familiares, outras, maiores, já comparecem sozinhas. Ocorre também que alguns pais levam seus filhos e os deixam participando da atividade, enquanto fazem compras na livraria ou nas lojas do comercio local.

Na livraria do centro, as crianças facilmente se distraem durante a *Hora do Conto*, por alguns motivos: a sessão na qual as crianças ouvem as histórias é rodeada por estantes de livros, de sua faixa etária, com fácil acesso; dessa forma, durante a *Hora do Conto* se distraem folheando livros; outro acontecimento que faz as crianças se dispersarem da história é a localização, pois se localiza em frente à

sessão de *megastores*, onde há muita movimentação de pessoas, conversas, pessoas folheando livros e afins. Durante a contação das histórias, crianças chegam e saem, e adultos também, dispersando a atenção das crianças como também da própria contadora, pois este lugar localiza-se junto à livraria, na sessão infantil, no térreo da loja, entre o departamento de multimídias (CD's, DVD's...) e o café. Ainda outro fator de dispersão é que durante a narração de história, tia Sandra a interrompe para cumprimentar as crianças e seus pais, que chegam ou partem.

A seguir, relata-se as observações das atividades e se faz uma análise delas.

a) Dezenove de março de 2011.

A acadêmica ao chegar à livraria, logo percebe onde é o cantinho que será feita a *Hora do Conto*, pois há na sessão infantil da loja alguns tapetes coloridos de E.V.A. postos no chão, com cadeiras de plásticos para crianças, formando um círculo e uma poltrona maior, que se percebe que é para a contadora de histórias poder sentar. Há algumas crianças a postos, com livros à mão, lendo para si ou para seus pais, ou vice-versa. Neste cantinho estão crianças com meses de vida a cinco anos de idade.

Tia Sandra chega à livraria, está vestida com um avental e uma peruca rosa. E assim, se dirige às prateleiras à procura de livros para serem contados. A funcionária da livraria da sessão infantil ajuda-a a escolher os livros. Antes de começar, ela organiza as crianças nas almofadas postas no chão e nas cadeiras. E após, dá início à contação da primeira história: *Boneco de neve*¹⁸

O Boneco de Neve e seus amigos, o coelho, pingüim, urso polar..., amam o inverno, eles se divertem na neve, e se preparam para a festa de natal.

Tia Sandra lhes faz uma pergunta: Aahhh, quem já viu um boneco de neve na televisão? Algumas crianças levantam o braço, outras não. Assim, ela começa a história de hoje. Então, ela contribui com sua experiência com as crianças: Eu já vi na televisão fazerem um boneco de neve, colocando uma cenoura no nariz... Vocês

¹⁸ TICKLE, Jack. **Boneco de neve**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

já viram? Algumas crianças levantam o braço e dizem que já viram também. E ela volta seu olhar para a história, e pergunta às crianças: Que bicho é esse aqui? Uma criança responde: É quem ajuda o papai Noel. Pergunta tia Sandra: E como é o nome dele? Uma menina responde: É a rena.

Tia Sandra apresenta os animais que constam no livro e pergunta às crianças: Que bicho é esse? Em seguida faz a leitura da história. Quando aparece um coelho ela pergunta novamente: Quem é esse? Uma menina responde: Coelho. Tia Sandra os faz recordar que data festiva está se aproximando, e um menino responde: Do papai Noel. Diz tia Sandra: Papai Noel já passou, está chegando perto do dia do que? Uma menina respondeu: Da páscoa. Então, tia Sandra pergunta quem conhece a música do coelhinho, as crianças não se manifestam, tia Sandra começa a cantar... *coelhinho da páscoa que trazes pra mim...*

Mais crianças vão chegando à livraria, e se dirigem a ela para saudá-la, durante a narração, interrompendo-a.

A cada animal que consta na história tia Sandra apresenta um ensinamento sobre a vida do animal; as crianças compartilham, respondendo as perguntas feitas pela narradora. A narradora faz a leitura da história, falas, sons de animais.

A seguir, tia Sandra conta outra história: *A cama dos sonhos*¹⁹

Lola dorme em muitas camas em seu sonho, dorme na lua, na floresta, em uma barraca, nas flores..., mas Lola imagina que nestes lugares pode acontecer algo para atrapalhar seu sono, então resolve que não irá dormir ali e muda-se para um outro lugar e assim Lola dorme em muitos lugares, até chegar na sua cama, e como esta é a cama dos sonhos, ela sonha estar em outros lugares.

Ao passar as imagens das camas por onde Lola passa, tia Sandra pergunta às crianças: Quem é que quer dormir aqui? Todos levantam a mão. Após, pergunta as crianças, como é a sua caminha? E elas relatam que é macia; seria a do Batman, das princesas...

Tia Sandra interage com as crianças fazendo perguntas com relação ao que está acontecendo na história. No momento, são cinco meninas e cinco meninos. Em uma parte deste livro, Lola vai dormir na cama de conto de fadas, onde há vários colchões e embaixo de cada colcha tem uma aba que esconde figuras que lembram os contos. Tia Sandra pergunta: em qual história aparece uma ervilha? E as crianças

¹⁹ CHILD, Lauren. **A cama dos sonhos**. São Paulo: Ática, 2007.

respondem: *A princesa e a ervilha*. Quando aparece o sapo, uma menina conta a história em que aparece a princesa e o sapo. E acontece o mesmo quando aparece a abóbora, uma menina narra a história *Cinderela*, e todos prestam atenção. Um menino diz: Tem muita coisa nessa cama. Quando Lola se muda para o espaço para dormir entre as estrelas, um menino diz: Ela vai dormir no espaço sideral. No final da história, as crianças compartilham como seria sua cama dos sonhos. Nesse momento, participam dezessete crianças no total.

As crianças mostram para tia Sandra a história que gostariam que ela contasse. Algumas ela aceita contar, pois já as conhece, mas as que ela não conhece, informa que vai ler e depois, em outra oportunidade, contará. Agora na *Hora do Conto* participam quatro meninas e dois meninos. Há demora para começar a próxima história, pois algumas crianças partem, e a tia Sandra organiza as demais.

A história seguinte é: *Eu não quero dormir agora*²⁰

Charlie tem uma irmãzinha, a Lola. Às vezes, ele tem que pôr ela para dormir. Mas como é difícil! Lola adora ficar acordada até tarde, colorindo, rabiscando, colando, balançando, pulando e, mais que tudo, tagarelando. Quando Charlie diz: "Lola, a Mamãe falou que é hora de ir para a cama", ela responde: "Não! Eu não estou com sono e não vou para a cama".

Enquanto a tia Sandra conta a história, algumas crianças folheiam livros encontrados em seu redor. Mas outras colaboram imitando os animais. A seguir, narra outra história: *O Livro dos medos*²¹. Esse livro apresenta o medo de que os pais se separem, medo do escuro, medo de mordida de jacaré, medo de avião, medo de vampiro... Há medo para todos os gostos.

Tia Sandra pergunta às crianças: Alguém tem medo de alguma coisa? Eu não tenho medo de nada, disse um menino. As outras crianças não se manifestam. Mais crianças chegam à livraria para a *Hora do Conto*, junto de seus pais e tia Sandra conta outra história: *O tubarão que tinha medo das profundezas*²²

O pequeno tubarão Túlio não pode participar das brincadeiras na piscina porque ele cresceu demais, mas ele tem muito medo de brincar no fundo do mar. Mas, com a ajuda dos amigos ele perdeu o medo.

²⁰ CHILD, Lauren. **Eu não quero dormir agora**. São Paulo: Ática, 2009.

²¹ PRIETO, Heloisa. **O livro dos medos**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

²² CIRANDA Cultural. **O tubarão que tinha medo das profundezas**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

Um menino de aproximadamente três anos começa a ficar triste, pois sua mãe não está mais ao seu lado, então, sai à procura da mãe e quando a encontra a chama para ir ouvir a história junto, mas não permanecem por muito tempo, saem da roda e ficam olhando os livros nas estantes. Uma menina que havia ido embora, retornou. Uma menina de aproximadamente um ano não presta atenção à história que está sendo contada, fica nas prateleiras buscando livros para folhear, após se senta folheia o livro enquanto ouve a história. No decorrer, se levanta e chama seu pai que estava em pé, para se sentar no chão ao seu lado.

Uma menina chega à roda, mas não larga sua mãe para se juntar às outras crianças, e acaba desistindo de ouvir a história, e vai embora.

As 11h e 25 min. os músicos do Sábado Musical, iniciam sua apresentação, em outro ambiente da loja; o estilo da música é rock, dessa forma, tia Sandra precisa aumentar sua voz, para que todas as crianças a escutem, e pede para as crianças se aproximarem dela. E conta outra história: *Adivinha quem sou eu? Amigos da fazenda*²³

Cinco adoráveis amigos que vivem na fazenda querem brincar. Atrás de abas desdobráveis, uma vaca, uma galinha, uma ovelha, um cavalo e um porco, estão esperando pra ser descobertos em forma de versos. O texto oferece pistas para ajudar as crianças a adivinhar qual é o animal que está escondido.

Nesta história só uma menina presta atenção, as demais folheiam livros e contam entre si outras histórias dos livros que estão folheando. Assim, tia Sandra abre um livro e o apresenta para duas meninas que estão mais próximas dela, as únicas que estão prestando atenção, pois as demais continuam folheando livros. Três crianças permanecem desde o começo da *Hora do Conto*, sendo dois meninos e uma menina. As crianças precisam adivinhar os animais escondidos no livro. Tia Sandra pede a atenção de todas as crianças, então volta a contar história a todas elas: *Aí vêm os Backyardigans!*²⁴

A busca de Uniqua por seu amigo Pablo se transforma numa aventura de fantasia quando ela visita o deserto, a selva, um navio pirata e muito mais! No caminho ela encontrará seus amigos Tyrone, Austin e Tasha. Mas onde estaria o Pablo?

²³ SHEPHERD, Jodie. **Adivinha quem eu sou? Amigos da Fazenda**. Rio de Janeiro: Sextante infantil, 2008.

²⁴ BURGESS, Janice. **Aí vêm os Backyardigans!** São Paulo: CMS Editora, 2010.

Todas as crianças conhecem esses personagens. Uma menina que está mais à frente se levanta para apontar onde estão os personagens escondidos no livro e outra menina a imita, mas tia Sandra pede para que elas digam atrás do que o personagem está escondido, e não com o dedo. E outras crianças voltam a folhear livros de seu interesse. Tia Sandra conta agora: *Eu nunca vou comer um tomate*²⁵

Charlie tem uma irmãzinha, a Lola. Às vezes, ele precisa cuidar do jantar dela. Isso não é nada mole, porque ela é muito enjoada para comer, não gosta de cenoura nem de tirinhas de peixe nem de purê e muito menos de tomate. Até que um dia ele arruma um jeito criativo de resolver o problema... com nomes muito mais apetitosos: palitinhos laranja de Júpiter, pingos verdes de Cabo Verde, flocos de nuvem, petiscos oceânicos... Nesta versão cheia de surpresas, os irmãos e algumas dessas delícias saltam das páginas.

Tia Sandra volta a chamar a atenção das crianças que estão distraídas folheando outros livros. Mais crianças chegam, e as outras crianças se acalmam, largam o livro que estavam folheando e prestam mais atenção na próxima história: *O rugido do Dinossauro!*²⁶ Este é um livro que imita os sons dos dinossauros; as crianças se levantam para apertar os botões que constam no livro, e assim produzir os rugidos dos dinossauros. Quatro meninas colaboram com tia Sandra. As crianças se despedem de tia Sandra com abraços e beijos.

Observou-se que durante a contação, as crianças que permanecem pouco tempo prestam atenção do começo ao fim da história, mas as que ficam por mais de 30 min. na roda, em algum momento se distraem, folheiam livros e conversam entre si. Por vezes tia Sandra precisa chamar a atenção das mesmas. E também o movimento que há na loja, facilita a distração das crianças. Nas chegadas e partidas das crianças e familiares, freqüentemente tia Sandra interrompe a história para saudá-los ou acomodar a criança, interrompendo a imaginação das outras crianças. As crianças interagem com a história, compartilham suas experiências do seu cotidiano, e tia Sandra também relata seus causos.

Tia Sandra utiliza os livros para leitura e para mostrar as ilustrações para as crianças, pois a grande maioria é em 3D, ou em pop-ups, livros muito utilizados por ela nas contações. Outros livros possuem sonorização, e as crianças pedem para ouvir.

²⁵ CHILD, Lauren. **Eu nunca vou comer um tomate**. São Paulo: Ática, 2009.

²⁶ CIRANDA Cultural. **O rugido do Dinossauro**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

b) Vinte e seis de março de 2011.

A acadêmica chega à livraria às 9h e 45min. está tudo pronto à espera das crianças, porém não há nenhuma no local. Momentos depois chega uma menina, de aproximadamente três anos, com seus pais e aguarda tia Sandra chegar. Enquanto isso, ela pede à sua mãe para que lhe conte uma história do livro que pegou na estante. Ao terminar a história o pai se aproxima e a mãe sai da loja; então seu pai fica do seu lado ouvindo-a contar história enquanto esperam pela tia Sandra.

Tia Sandra chega, seleciona alguns livros; enquanto isso, uma menina de aproximadamente dez anos a ajuda a escolher os livros; alguns a tia acatou outros descartou, pois foram muitos os que a menina escolheu; é uma menina fiel aos sábados, e neste dia trouxe o seu primo para assistir também. Após a escolha tia Sandra se dirige para uma sala no piso superior da loja para se arrumar. E as crianças que lá estavam, continuam suas leituras, esperando tia Sandra voltar.

Tia Sandra se fantasiou de sapinho: na cabeça, uma toca verde com dois olhos pretos e uma boca vermelha; no corpo um avental verde com adereços colados, enfeitando-o.

Ao se aproximar das crianças, uma menina de aproximadamente dois anos que estava se distraindo com os livros, se assustou ao ver a tia vestida assim, então, correu até sua mãe que a consolou, mas momentos depois já estava junto às demais crianças, ouvindo as histórias. A primeira foi: *Da pequena toupeira: que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela*²⁷

Numa manhã, quando ia saindo de sua toca, a toupeirinha percebe que alguém fez cocô em sua cabeça. Mas quem teria feito tal coisa? Para esclarecer o enigma, ela interroga todos os animais que vai encontrando pelo campo: o cavalo, a pomba, a vaca, o porco... Para se inocentar, eles exibem os respectivos cocôs à toupeira: há de todos os tamanhos, formatos e consistência... Até que, finalmente, graças à ajuda de duas moscas - grandes especialistas no assunto -, a toupeira encontra o culpado e dá um jeito de se vingar, fazendo o mesmo na sua cabeça.

As crianças ajudam tia Sandra com os sons dos animais, respondem às perguntas feitas pela tia, e adivinham o nome dos animais. Neste momento estão

²⁷ HOLZWARTH, Werner. **Da pequena toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.

presentes quatro meninas e um menino. Mais uma menina se juntou à turminha e presta muita atenção ao final da história. A primeira menina que chegou junto de seus pais se despede da tia e vai embora.

Tia Sandra conta agora à história: *Toy Story 3: Misture e monte*²⁸

Woody, Buzz e toda a turma de Toy Story estão de volta! Ao lado de novos personagens, como Lotso, o Ursinho Fofo, eles estrelam o novíssimo Toy Story 3. Você nunca viu seus brinquedos favoritos da maneira como aparecem neste livro. Imagine juntar a cabeça de Woody, o corpo de Lotso e as pernas de Buzz!

Um menino de aproximadamente seis anos chegou e se juntou aos demais. As crianças ajudam tia Sandra com o nome dos personagens.

Tia Sandra conta então: *Que barulho é esse, Ratinho?*²⁹

Ratinho, que ao dormir começa a ouvir todos aqueles barulhos de portas e janelas rangendo, cortinas ao vento, torneira pingando, mas imagina que se trata de ameaças terríveis e fica apavorado! Ratinho se encolhe, pula da cama, corre pela casa, se esconde, até que chega ao mais completo desespero e solta um grito aterrorizante. Mamãe Rata corre em seu socorro e descobre o que tanto apavora seu filho. Carinhosamente explica o que é cada som que Ratinho pensava ser de assombrações e monstros que vinham busca-lo.

Esse livro transmite os sons dos barulhos que constam no livro, e as crianças tentam descobrir que barulho é esse. A menina que levou o susto com tia, agora se distrai com livros que estão nas estantes. Mais uma menina chegou, tem aproximadamente cinco anos, e fica prestando atenção à história, em seguida chegou também uma menina de aproximadamente sete anos e um menino de aproximadamente cinco anos. E se inicia mais uma história: *Criaturas míticas*³⁰.

Esse livro apresenta os animais míticos, por exemplo, o unicórnio, lobisomem, e as crianças imitam os sons dos animais. No momento há seis meninas e três meninos, mais um menino chegou com seus pais e se junta aos outros, e presta atenção à história. As crianças interagem com tia Sandra e contam seus casos. Em seguida, outra história é narrada: *Joice a joaninha*³¹

²⁸ MELHORAMENTOS. **Toy Story 3: Misture e monte**. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

²⁹ STANSBU, Stephanie. **Que barulho é esse, Ratinho?** São Paulo: Zastras, 2010.

³⁰ PLEDGER, Maurice. **Criaturas Míticas**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

³¹ CIRANDA Cultural. **Joice a joaninha**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

Joice e sua amiga Julia se divertem nas flores, derrepente um vento forte levou Julia para dentro de um vaso, Joice ajudou sua amiga, e juntas voltaram para casa.

As crianças dizem que já viram uma joaninha. Uma menina pede autorização para tia Sandra para poder falar, com a autorização ela conta seu caso de quando avistou uma joaninha. Um menino chegou com sua mãe. No momento tem cinco meninas e quatro meninos participando da atividade. Algumas crianças já são conhecidas da tia Sandra. No final da história são sete meninas e quatro meninos. E se inicia a história: *A verdadeira história do chapeuzinho vermelho*³²

Então, você pensa que conhece a história da Chapeuzinho Vermelho? Às vezes, as coisas não são como parecem ser. Quando o Lobo escreve à Chapeuzinho Vermelho pedindo que o ensine a ser bom, ela fica eufórica. Mas, assim que o Lobo, agora bonzinho, torna-se uma celebridade, Chapeuzinho Vermelho, ciumenta, decide fazer alguma coisa.

A tia se distrai com a chegada de mais crianças. E interrompeu a contação da história. Às 11h e 12min. há muitas crianças, são dez meninas e sete meninos. As crianças e seus pais prestam atenção na história.

Neste momento os músicos iniciam sua aula, hoje a música é clássica, assim, não atrapalha muito a *Hora do Conto*.

Durante essa história, todos prestam atenção, menos uma menina que não quer se sentar junto das outras crianças, pois quer ficar perto de sua mãe, então, sai da roda. Quando termina a história algumas crianças se despedem da tia com beijos e abraços; após as saudações tia Sandra pega outro livro: *Adivinha quem sou eu? Amigos da fazenda*³³.

A tia faz perguntas às crianças sobre os animais que constam no livro. Uma menina que acabou de chegar junto da sua avó não quis se juntar a demais, então pega livros na estante, se senta no chão e começa folheá-los. Sua avó a chama para ir embora, mas ela não quer, quer ficar ali folheando os livros. As crianças que estão prestando atenção à história imitam os animais, por exemplo, a galinha, o porco, o cachorro, entre outros, que aparecem no livro. No momento, há crianças de aproximadamente dois a onze anos. A tia conta casos dos animais que habitam a escola em que ministra aulas, e as crianças também contam sobre os seus animais,

³² BARUZZI, Agnese; NATALINI, Sandro. **A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho**. São Paulo: Brinque-Book, 2008.

³³ SHEPHERD, Jodie. **Adivinha quem eu sou? Amigos da Fazenda**. Rio de Janeiro: Sextante infantil, 2008.

como os passarinhos que eles vêm nas árvores próximas de suas casas. Ao término dessa história, algumas crianças vão embora. E se inicia: *Aniversário da Ninoca*³⁴

A Ninoca faz anos. E a criançada se diverte com ela e seus amigos. Abrem os pacotes de presentes, brincam de esconde-esconde e podem até apagar as velinhas!

As crianças se divertem com a festa que os amigos de Ninoca prepararam para ela, e cantam parabéns para Ninoca. E compartilham das suas brincadeiras, baseando nas brincadeiras do livro.

A seguir tia Sandra conta: *Barulho na oficina*³⁵

A vovó está na cozinha e o vovô está trabalhando na oficina, preparando uma surpresa para a vovó, na qual é uma casinha de passarinho.

Tia Sandra imita os barulhos ocorridos na oficina, e também passa o livro que contém os barulhos para as crianças ouvirem. No momento são sete meninas e seis meninos. Algumas crianças se distraem nas estantes. Há muito movimento na loja, assim, as crianças prestam atenção, mas também se distraem com outros livros, e com as conversas. Uma menina chama a tia de sapinha.

E começa outra história: *Ninoca vai dormir*³⁶

Está na hora de dormir. Ninoca antes de ir para cama, escova os dentes, lava as patinhas, vestiu o pijama e foi para cama ler um livro e após dormiu.

Tia Sandra utiliza o livro para educar as crianças quanto à higiene bucal, algumas crianças apresentam suas experiências. As crianças se despedem de Ninoca com a saudação de boa noite. Mais crianças chegam, porém a história acabou. Crianças e pais se despedem da tia Sandra. Esse dia contou com muitas pessoas (crianças e seus pais) que são um público fiel, e conhecido da tia.

³⁴ COUSINS, Lucy. **O aniversário da Ninoca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008.

³⁵ SAMUEL, Janet. **Barulho na oficina**. Barueri: Girassol, 2010.

³⁶ COUSINS, Lucy. **Ninoca vai dormir**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008.

c) Dois de abril de 2011.

A menina de dez anos e seu primo que compareceram no sábado passado retornam, e, juntamente com uma menina de aproximadamente cinco anos que veio com seu avô, esperam a tia Sandra; enquanto isso, folheiam livros. Uma menina de mais ou menos três anos chega com seus pais, não se decide se quer sentar na cadeira ou almofada, certamente quer as duas. Outra menina agora de dois anos chega com sua mãe e se distrai folheando livros.

Tia Sandra chegou e hoje sua fantasia é de bruxa, uma saia e blusa preta, com um cachecol roxo sobre o ombro, chapéu pontiagudo preto com estrela roxa, e maquiagem leve no rosto. Tia Sandra cumprimenta as crianças; as que ela não conhece, pergunta o nome. Uma menina de três anos a chama de “bruxinha”. Então tia Sandra se dirige às estantes à procura de livros; a menina de dez anos a informa que já escolheu alguns, tia Sandra agradece, olha os livros, e diz que são bons, mas pega mais alguns. E conta: *O cão guloso*³⁷

Rex, o cão Guloso não tem modos e sempre que encontra um lanche apetitoso, quer pegá-lo e sair correndo. Os outros animais da fazenda não sabem o que fazer. Após um acidente Rex aprendeu a lição.

No momento há quatro meninas e dois meninos. As crianças imitam os sons dos animais contidos no livro. A menina de dois anos não se senta para ouvir a história, corre de um lado para outro, e sua mãe atrás.

A nova história é: *A lição do leão*³⁸

Está na hora da festa, mas o leão não quer compartilhar com seus amigos, pois queria tudo pra ele. Quando chegou a hora da limpeza ele não gostou de ficar tudo pra ele, então aprendeu a lição.

A menina de cinco anos diz que já conhece a história. Um menino de cinco anos que também veio sábado passado diz: Que mal educado esse leão!

Um menino de dois anos chega à roda com seu pai. Com o término da história o menino de cinco anos pede uma história de terror, e aponta qual livro deseja, então, tia Sandra pega na estante o livro solicitado: *Mansão assombrada*³⁹

³⁷ PHILLIPS, Trish. *O cão guloso*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

³⁸ CIRANDA Cultural. *A lição do leão*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

Uma aventura à meia-noite fica mesmo muito assustadora quando Rui, Léo e Tati encontram mais do que esperavam quando investigam a velha mansão abandonada. As crianças presenciarão momentos eletrizantes nesta aventuras inusitadas, acompanhadas de uma lanterna mágica, que poderá ser deslizada pela estreita abertura por trás das páginas especiais deste livro, para revelar os segredos de uma mansão abandonada!

As outras crianças também se interessam pelo livro e ajudam a tia a preparar a história, pois há uma lanterna que precisa ser passada por dentro do livro, e fica difícil ler e passar a lanterna ao mesmo tempo. Para completar a turminha, chegam à roda dois meninos e três meninas de aproximadamente dois anos, com seus pais. As crianças tentam adivinhar o que vai aparecer quando a lanterna iluminar a casa.

Em seguida, a tia conta: *Dinossauros adoram cuecas*⁴⁰

Os tiranossauros, tricerátops, estegossauros e afins, desapareceram faz um tempão: os monstrenhos jurássicos teriam eliminado uns aos outros, num combate feroz pela posse das cuecas recém-inventadas pelos homens das cavernas. Aqui, eles aprendem a usar cuecas de um jeito divertido.

Um menino de seis anos que acaba de chegar ajuda com os nomes das comidas que os dinossauros gostam. No momento há seis meninas e cinco meninos. Os meninos apresentam à tia os nomes dos dinossauros. Algumas crianças folheiam livros, mas também prestam atenção à história contada, e compartilham seus conhecimentos.

Depois, a tia narra: *Que barulho é esse, Ratinho?*⁴¹. Um menino de dois anos presta muita atenção, e fica quietinho tentando ouvir os barulhos. No momento são quatro meninas e cinco meninos. Uma menina ao fundo imita o ratinho tremendo de medo por causa do barulho. As crianças querem ouvir os barulhos emitidos pelo livro, então tia Sandra aproxima o livro deles para que todos ouçam os ruídos.

A seguir, a história: *Toy Story 3: Misture e monte*⁴². Tia Sandra pergunta às crianças quem já viu o filme. Todos levantam o braço. Então ela pede para que eles a ajudem com os nomes dos personagens na história, e assim acontece. No momento são quinze crianças, sendo dez meninas e cinco meninos. E ela conta: *Áí*

³⁹ OTWAY, Helen. **Mansão assombrada**. TodoLivro: Blumenau, 2010.

⁴⁰ FREEDMAN, Claire; CORT, Ben. **Dinossauros adoram cuecas**. São Paulo: Globo, 2009.

⁴¹ STANSBU, Stephanie. **Que barulho é esse, Ratinho?** São Paulo: Zastras, 2010.

⁴² MELHORAMENTOS. **Toy Story 3: Misture e monte**. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

vêm os *Backyardigans!*⁴³. Essa história foi contada a pedido das crianças. Enquanto um menino conta sobre os personagens do livro, os demais prestam atenção ao que ele diz. E apresenta os nomes dos personagens à tia, que em seguida passa a narrar: *Os pingüins e as cores*⁴⁴

Tem alguma coisa estranha acontecendo na vasta e branca Antártica. Os pingüins estão escorregando, deslizando, esquiando e voando longe com os balões.

As crianças tentam adivinhar as cores que aparecem nas páginas do livro, compartilham suas experiências na neve. No momento são oito meninas e sete meninos. E tia Sandra conta, então: *Os gatinhos brincalhões*⁴⁵

O quinteto de gatinhos Laço-Bravo, Orelha-Negra, Merlin gato, Vênus e Coração de Leão vai animar e despertar a curiosidade das crianças. Eles adoram se fantasiar de personagens engraçados, como o caubói, o pirata, o mago, a astronauta e o cavaleiro.

Três crianças fizeram uma roda para folhearem um livro e assim, não prestam atenção à contação de história, enquanto as demais prestam atenção. Um menino de sete anos, sentado à frente dos demais, expõe sua imaginação em relação aos animais. Uma menina está gostando da história; sua mãe a chama para ir embora, mas ela não quer; então, tia Sandra pede para a mãe esperar, pois está acabando a história, e assim ela fica até o final. E a tia conta agora: *Minha primeira... consulta no dentista*⁴⁶

Ir ao dentista pela primeira vez pode ser assustador. Mas não quando você ganha uma escova em forma de foguete, como o Vítor! A consulta fica mais divertida.

No momento são cinco meninas e quatro meninos, sendo uma menina de dois anos e as outras crianças de cinco a sete anos. Mas só as meninas prestam atenção e colaboram contando suas idas ao dentista, e como são suas escovas e suas cores. A seguir, a história: *Na fazenda 3D Pop-ups*⁴⁷. Esse livro relata a diversão da gansa e dos outros animais da fazenda, eles se divertem na lagoa, e no seu habitat natural.

⁴³ BURGESS, Janice. **Aí vêm os Backyardigans!** São Paulo: CMS Editora, 2010.

⁴⁴ CIRANDA Cultural. **Os pingüins e as cores.** São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

⁴⁵ EMMETT, Jonathan; EAVES, Ed. **Os gatinhos brincalhões.** São Paulo: PubliFolha, 2010.

⁴⁶ MARLEAU, Eve. **Minha primeira... consulta no dentista.** São Paulo: Girassol, 2009.

⁴⁷ CIRANDA Cultural. **Na fazenda 3D Pop-ups.** São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

As crianças timidamente imitam os animais; a menina de dois anos presta atenção, mas não os imita. Tia Sandra informa às crianças que acabou, mas as crianças pedem mais uma, principalmente uma menina que chegou ao final da história. Então tia Sandra pega o último livro: *Formas - Charlie e Lola*⁴⁸. Charlie e Lola ensinam, neste livro, as primeiras formas geométricas para os pequenos.

No momento são sete crianças sendo cinco meninas e dois meninos. E três crianças permanecem desde a primeira história. Terminou a *Hora do Conto*, as crianças se despedem, mas algumas ainda ficam folheando livros. A menina que pediu mais uma história, se senta em um canto e é atendida por sua mãe.

d) Dezesesseis de abril de 2011.

Tia Sandra chega à livraria se dirige as estantes para procurar livros; após vai até outro cômodo para se arrumar. Ainda não há crianças à sua espera, só um casal com uma menina de um ano na sessão infantil, à procura de livros.

Tia Sandra retorna, vestida com um chapéu pontudo vermelho com bolas amarelas, um lenço de voal na cor vermelho e rosa entrelaçados, e um avental vermelho com bichinhos colados nele. Neste instante encontram-se à sua espera dois meninos, com cinco e seis anos de idade. E ela começa: *Da pequena toupeira: que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela*⁴⁹.

As crianças ajudam a tia com os nomes dos animais. Após aparece para incrementar o grupo uma menina de aproximadamente seis anos; esta sente nojo do cocô dos animais conforme a tia vai mostrando. Tia Sandra faz os sons dos animais.

A menina de um ano que foi citada no começo, retorna com seus pais, agora para se juntar ao grupo e ouvir a história: *Ninoca vai dormir*⁵⁰. Na parte onde a Ninoca escova os dentes antes de dormir, tia Sandra ensina uma música às crianças:

“escova, escova os dentes
Os de trás, e os da frente”.

⁴⁸ CHILD, Lauren. **Charlie e Lola: formas**. São Paulo: Ática, 2009.

⁴⁹ HOLZWARTH, Werner. **Da pequena toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.

⁵⁰ COUSINS, Lucy. **Ninoca vai dormir**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008.

Uma menina de sete anos que veio na semana passada, retornou neste dia, e começa a história: *Boa noite, bebê urso!*⁵¹

É hora de dormir, e onde está o bebê urso? A mamãe urso procura seu filhote pela floresta e encontra muitas aventuras.

Este é um livro de textura e tia Sandra passa o livro para as crianças sentirem as texturas dos animais. Chegam ao grupo mais dois meninos e uma menina. E tem vez agora: *Os três porquinhos*⁵²

Quem é que ainda não conhece a história dos três porquinhos? Daqueles irmãos que são atacados pelo lobo mau, o grande vilão que sempre sai perdendo? Mas o lobo mau já está cheio de fazer papel de bobo. Agora o caso é outro, pois chegou a vez deste eterno perdedor! (Pelo menos é assim que ele pensa...).

Uma menina que já conhece a história fica impaciente para contar os detalhes para os demais, mas tia Sandra pede para que ela não conte. No momento tem quatro meninas e três meninos. Os adultos também prestam atenção às histórias. Em seguida é narrada: *Comida de dinossauro*⁵³

Heitor adora comer, mas detesta praticar exercícios. Seus amigos o convidam para brincar, mas ele prefere ficar comendo. Mas um dia, ele se sente mal e pede ajuda aos amigos.

Algumas crianças vão embora. Outras chegam, no momento são cinco meninas e três meninos, todos prestam atenção. A menina que compareceu na semana passada diz: Eu adoro morango. E as outras crianças também dizem a comida que gostam. As crianças interagem com a história.

Tia Sandra pede ajuda para as crianças para escolher qual história de terror será contada, entre elas está *Quem tem medo de tempestade?* e *Quem tem medo de Bruxa?* Algumas crianças não quiseram opinar, sendo assim, foram três votos para *Quem tem medo de tempestade?*, contra dois votos para *Quem tem medo de Bruxa?* E começa a narração: *Quem tem medo de tempestade?*⁵⁴

⁵¹ STREGER, Sharon. **Boa noite, bebê urso!** Blumenau: Bicho esperto, 2011.

⁵² HAHN, Cyril. **Os três porquinhos.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.

⁵³ KUBLER, Annie. **Comida de dinossauro.** São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

⁵⁴ JOLY, Fanny; ROCHUT, Jean-Noel. **Quem tem medo de tempestade?** São Paulo: Scipione, 1996.

A menina não consegue dormir e leva para a cama uma porção de livros emocionantes. De repente, começa uma tempestade. Relâmpagos, trovões e... muito medo! A casa treme toda, e o vento sopra como um furacão.

No momento são oito meninas e três meninos, todos prestam atenção, pois o conto é envolvente. Tia Sandra conta agora: *Dorminhoco*⁵⁵

Vaca, carneiro, gato, cachorro, porca e porquinhos, todos dormem na fazenda. Até que o cachorro começa a roncar! Vaca, carneiro, gato, porca e todos os porquinhos são acordados pelo barulho e não conseguem voltar a dormir. Só há uma solução: fazer o cachorro parar de roncar.

Algumas crianças se distraem na troca da história. Um menino que já compareceu outro dia acabou de chegar e se instala na roda. Tia Sandra faz os sons dos animais e as crianças a acompanham. Depois, narra: *Quem tem medo de Bruxa?*⁵⁶

O programa de domingo era visitar um castelo com suas torres e seus imensos salões, cheios de quadros e armaduras antigas. Além disso, havia também uma habitante misteriosa...

As crianças que estão na frente prestam atenção, mas as crianças que estão no fundo folheiam livros. As crianças tentam adivinhar o que tem na poção da bruxa. Em alguns momentos as crianças se distraem, mas logo voltam a prestar atenção. Tia Sandra conta, agora: *Bagunça e arrumação*⁵⁷

Bagunça e Arrumação formam uma dupla e tanto! Enquanto uma gosta de tudo misturado, a outra prefere tudo organizado. Por causa disso, às vezes, as coisas acabam em confusão e cada uma vai para um lado. Mas isso nunca dura muito tempo, logo elas percebem que é muito chato ficar sozinhas e voltam a brincar, correr e aprontar sempre juntas por toda parte!

As crianças interagem com a história, comentam suas atitudes em relação à bagunça e arrumação. A seguir, a narração de: *Dinossauros adoram cuecas*⁵⁸. Uma menina ao ver o dinossauro diz: Meu, que gigante! As crianças riem com as cuecas dos dinossauros. Em seguida: *Mansão assombrada*⁵⁹. Um menino que acaba de se integrar ao grupo diz: Não quero ver! E esconde os olhos com a mão, mas quando a tia Sandra apresenta a lanterna, ele se interessa. Duas meninas ficam conversando,

⁵⁵ ROSEN, Michael. **Dorminhoco**. 2. ed. São Paulo: Brinque-Book, 2002.

⁵⁶ JOLY, Fanny; ROCHUT, Jean-Noel. **Quem tem medo de Bruxa?** São Paulo: Scipione, 1996.

⁵⁷ PIRILLO, Marília. **Bagunça e arrumação**. São Paulo: Prumo, 2009.

⁵⁸ FREEDMAN, Claire; CORT, Ben. **Dinossauros adoram cuecas**. São Paulo: Globo, 2009.

⁵⁹ OTWAY, Helen. **Mansão assombrada**. Blumenau: TodoLivre, 2010.

mas quando a tia Sandra começa a história e a mover a lanterna, todos voltam sua atenção para o livro. Após alguns minutos, quatro meninas e dois meninos prestam atenção, os demais folheiam livros. Uma menina diz que casa assombrada é uma lenda. Outra menina diz que são histórias inventadas. Então tia Sandra conta: *Lili, a lagarta*⁶⁰.

Algumas crianças saem outras entram, agora são seis meninas e dois meninos, mas só quatro meninas e um menino prestam atenção à nova história: *Quando mamãe virou um monstro*⁶¹

Ao receber a notícia de que os sobrinhos vêm lanchar, mamãe fica desesperada. A casa está uma bagunça, não há nada para servir para as visitas e a pobre mãe não sabe por onde começar... Enquanto isso, os filhos só pensam em brincar. Em vez de arrumar suas coisas, sempre encontram outras para desarrumar, um motivo para brigar e outro para chorar. De repente, uma coisa estranha acontece com Mamãe, ela se transformou em um monstro.

Duas meninas se juntam ao grupo, uma menina se assusta com a orelha da mamãe, e aproveitando a atenção das crianças, tia Sandra narra: *Curto e longo, alto e baixo*⁶². Ilustrado com belíssimos animais, este livro interativo apresenta uma seleção especial de opostos. Em cada página dupla, uma agradável surpresa. É só levantar a aba para entender visualmente o conceito apresentado em graciosos versos. São sete meninas e um menino, mas só três prestam atenção, os demais folheiam livros, ou conversam entre si.

Terminou as histórias de hoje, tia Sandra se despede das crianças, algumas permanecem lendo livros, outras vão embora com seus pais.

e) Trinta de abril de 2011.

Tia Sandra está fantasiada de sapinho, no momento tem quatro crianças, dois meninos e duas meninas, entre dois a onze anos de idade, sendo que um menino e uma menina compareceram na semana passada. Começa o conto: *Os três*

⁶⁰ GOODE, Jon; SPERLI, Christian. *Lili, a lagarta*. São Paulo: CMS, 2005.

⁶¹ HARRISON, Joanna. *Quando mamãe virou um monstro*. São Paulo: Brinque-Book, 2009.

⁶² ESCOTT, Lan. *Curto e longo, alto e baixo*. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

*porquinhos*⁶³. Um menino que compareceu na semana passada acaba de chegar e senta-se na roda juntamente com seus pais e presta atenção a história; ele diz que tem esse livro. A seguir é narrada: *Quem tem medo de dragão?*⁶⁴

Decidido, o menino foi ao cais do porto pensando encontrar um tesouro. Acabou envolvido em uma aventura emocionante, cheia de perigos inacreditáveis. Como escapar do enorme dragão?

O menino de dois anos não presta atenção, seu pai lhe entrega livros para que ele folheie; as demais crianças se interessam pela história. No momento há quatro meninas e três meninos. E começa: *Eram dez Girinos*⁶⁵

Dez girinos formavam uma fila um deles foi atrás de uma libélula e ele, coitado, ficou para trás... e no final resta apenas um girino.

Tia Sandra começa a contar os Girinos que há na página do livro e as crianças a acompanham na contagem. A contação dos Girinos acontece em todas as páginas até restar um único Girino. Mais crianças chegam para ouvir a história.

Neste momento entra na Livraria um repórter de televisão local, que visa exhibir a atividade “Hora do Conto” em sua emissora. Tia Sandra inicia então: *Não faça isso, Dragão!*⁶⁶

O Dragão só quer se refrescar e se divertir um pouco. Mas, sempre que tenta, estraga tudo! Felizmente, ele encontra alguns amigos que precisam exatamente daquilo que ele faz de melhor!

O repórter solicita informação para um menino que é fiel a esta atividade, distraíndo, assim, a atenção do menino para a história. As demais crianças prestam atenção e ajudam tia Sandra na história, porém, com a movimentação do repórter e do Camara-men, as crianças voltam suas atenções para eles. No momento há doze crianças de dois a onze anos, sendo sete meninas e cinco meninos. Na parte do livro em que o dragão se locomove até a pista de gelo para brincar com seus amigos, tia Sandra pergunta às crianças o que vai acontecer, e as crianças

⁶³ HAHN, Cyril. **Os três porquinhos**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.

⁶⁴ JOLY, Fanny; ROCHUT, Jean-Noel. **Quem tem medo de dragão?** São Paulo: Scipione, 1996.

⁶⁵ TARBETT, Debbie. **Eram dez girinos**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

⁶⁶ KUBLER, Annie. **Não faça isso, Dragão!** São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

respondem que irá derreter - exatamente o que acontece, tudo vira água, e termina a brincadeira dos animais. E começa, então: *Pezinho- Espalhado*⁶⁷

Nina, escovando os dentes, encontrou uma bruxinha cujos pés cresciam toda vez que dizia uma palavra mágica. Nina, por sua vez, tinha orelhas de abano.

As crianças se admiram com a aparência da *Pezinho-Espalhado*, dizem que o cabelo dela é arrepiado e seu pé é muito grande. Neste momento acontece uma agitação com a chegada de algumas crianças, mas logo tudo se estabiliza. E inicia a narração de: *O sapo bocarrão*⁶⁸

O sapo Bocarrão tem uma boca enorme, é muito guloso e adora perguntar aos outros bichos o que é que eles gostam de comer. Gordão, verdíssimo e de olhos arregalados, ele pula de página em página comendo moscas e jogando conversa fora até o momento em que ele encontra o terrível crocodilo e...(O que será que o crocodilo gosta de comer?)

As crianças se assustam com as figuras, mas ajudam a interpretar as imagens. No momento em que o sapo tenta se disfarçar para não ser devorado pelo crocodilo, as crianças entendem a sua reação e contam para a tia Sandra.

Começa, agora, a história: *Curto e longo, alto e baixo*⁶⁹, livro já comentado.

Uma menina desde que chegou à roda fica pintando em seu livro, mas presta atenção nas histórias e de vez em quando faz a sua contribuição à história. A seguir: *Quem tem medo de tempestade?*⁷⁰.

Neste momento o repórter começa a gravar e desperta a atenção das crianças, mas logo elas retornam para a história, e, em seguida, para a outra: *Dinossauros adoram cuecas*⁷¹. Um menino chama o dinossauro da história de Rex. No momento há doze crianças, sendo sete meninas e cinco meninos. E se inicia: *Oi, eu sou o Cebolinha*⁷².

Esse livro descreve quem é o Cebolinha. Quando tia Sandra comenta sobre os cinco fios do cabelo do Cebolinha, um menino passa a mão em seus cabelos. As

⁶⁷ SCHUBERT, Ingrid; SCHUBERT, Dieter. **Pezinho – Espalhado**. São Paulo: Ática, 1996.

⁶⁸ Faulkner, Keith. **O sapo bocarrão**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

⁶⁹ ESCOTT, Lan. **Curto e longo, alto e baixo**. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

⁷⁰ JOLY, Fanny; ROCHUT, Jean-Noel. **Quem tem medo de tempestade?** São Paulo: Scipione, 1996.

⁷¹ FREEDMAN, Claire; CORT, Ben. **Dinossauros adoram cuecas**. São Paulo: Globo, 2009.

⁷² SOUSA, Mauricio de; SILVA, Yara Maura. **Oi, eu sou o Cebolinha**. São Paulo: Editora CEDIC, 2008.

crianças conhecem todos os personagens da história e suas personalidades. A seguir, outra história: *O porco narigudo*⁷³

Imagine um porco com tromba de elefante! O primeiro porco do mundo era assim. E o que ele mais gostava de fazer era andar por aí com o nariz erguido, se exibindo para os outros animais. Mas um dia o porco exibido estava com o nariz tão empinado que nem olhou por onde estava andando. Desde aquele dia os porcos nunca mais foram os mesmos!

No momento são nove crianças. Uma menina compara o porco com o sapo da outra história, pois ambos se acham superiores aos demais animais que constam na história. Seis crianças permanecem desde o começo da *Hora do Conto* deste dia. As crianças conhecem todos os animais que estão no livro. Na roda há um menino que veio pela primeira vez na *Hora do Conto* na parte da manhã; na maioria das vezes ele comparece no horário do Beiramar Shopping.

Tia Sandra conta agora: *Comida de dinossauro*⁷⁴. Algumas crianças já conhecem essa história, então começam a contá-la. No momento em que o Dinossauro não agüenta mais de tanta comida, tia Sandra pergunta para as crianças: Será que ele vai explodir? Eis que um menino responde: Não né, ele vai procurar um médico!

Essa é a última história de hoje, as crianças se despedem de tia Sandra com muitos abraços e beijos.

f) Quatorze de maio de 2011.

Tia Sandra está caracterizada de bruxa. No início encontram-se crianças pequenas de dois a cinco anos de idade, e uma menina de dez anos, uma freqüentadora fiel. São dois meninos e quatro meninas. E assim dá-se início a contação de história: *Aniversário da Ninoca*⁷⁵. As crianças ajudam tia Sandra a desvendar os mistérios e colocam suas experiências. Todos cantam parabéns para a Ninoca e ajudam a soprar a velinha. Tia Sandra diz: Agora vamos adivinhar as

⁷³ FAULKNER, Keith; LAMBERT, Jonathan. **O porco narigudo**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

⁷⁴ KUBLER, Annie. **Comida de dinossauro**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

⁷⁵ COUSINS, Lucy. **O aniversário da Ninoca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008.

cores, e as crianças descobrem as cores dos balões. Em seguida, mais uma narração: *Eu nunca vou comer um tomate*⁷⁶.

Tia Sandra vai mostrando os alimentos para as crianças dizendo o que são, e uma mãe assopra no ouvido do filho as respostas. Algumas crianças não interessadas desistem da história e saem com seus pais. Então tia Sandra conta: *Que barulho é esse, Ratinho?*⁷⁷. Tia Sandra pergunta às crianças: Alguém tem medo de barulho? Algumas crianças dizem de que tem medo, e colocam suas experiências. As crianças fazem os sons, do vento, da porta batendo. A seguir, o conto: *Ninoca vai à escola*⁷⁸

Na escola, Ninoca pinta quadros, escreve uma história, se veste de pirata e dança como uma bailarina.

Tia Sandra pergunta: Quem gosta de ir para escola? Todos dizem que gostam, levantam seus dedinhos, as crianças tentam adivinhar as cores. Uma menina usa muito sua imaginação, é a que mais responde as perguntas feitas por tia Sandra. Quando tia Sandra interrompe a história para cumprimentar as crianças que chegaram, esta menina diz: Vamos continuar! Ela é muito interessada.

Em seqüência, a história: *Boneco de neve*⁷⁹. As crianças conforme mostrados, distinguem os animais que ajudam o Papai-Noel; tia Sandra faz suspense ao trocar as paginas, e as crianças ficam apreensivas. Logo após, narra: *Os três porquinhos*⁸⁰. As crianças ficam enfurecidas com o lobo mau, quando este destrói as casas. No momento são quatro meninas de quatro a seis anos e uma de dez anos que permanecem desde o começo. E começa a história: *Oi, eu sou o Cascão*⁸¹.

Uma menina imita a Mônica rodando o coelho Sansão, para bater no Cebolinha. Uma menina se irrita com a situação do Cebolinha e do Cascão em planejar os planos infalíveis para incomodar a Mônica, e quando a Mônica bate neles, ela diz: Não acho nada legal isso.

⁷⁶ CHILD, Lauren. **Eu nunca vou comer um tomate**. São Paulo: Ática, 2009.

⁷⁷ STANSBU, Stephanie. **Que barulho é esse, Ratinho?** São Paulo: Zastras, 2010.

⁷⁸ COUSINS, Lucy. **Ninoca vai à escola**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008.

⁷⁹ TICKLE, Jack. **Boneco de neve**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

⁸⁰ HAHN, Cyril. **Os três porquinhos**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.

⁸¹ SOUSA, Mauricio de; SILVA, Yara Maura. **Oi, eu sou o Cascão**. São Paulo: Editora CEDIC, 2008.

Inicia-se outra história: *Adivinha quem sou eu? Amigos da fazenda*⁸². As crianças adivinham os animais que estão escondidos atrás da aba do livro, por uma parte de seu corpo, e o que os animais estão escondendo atrás de suas patinhas, e algumas crianças os imitam. Depois se dá a narração de: *Olho mágico - fazenda*⁸³

Você consegue adivinhar o que tem atrás do olho mágico? Será uma vaca branca e marrom ou um cavalo macio e felpudo? Abra o livro e descubra a resposta! Com muitas surpresas incríveis, este livro colorido e repleto de texturas diferentes vai ensinar as primeiras palavras de uma maneira muito divertida!

Tia Sandra passa o livro para as crianças passarem o dedinho na textura do livro e sentir a pele do animal, e adivinham o animal que está escondido na próxima página. No momento só há meninas, sete no total. Depois, narra: *Oi, eu sou o Cebolinha*⁸⁴, livro já comentado.

Esse livro mostra como é o Cebolinha. As crianças conhecem a história e ajudam tia Sandra nos planos do Cebolinha. No momento são dez crianças, dois meninos e oito meninas. E em seguida, narra: *Charlie e Lola – opostos*⁸⁵

Em cima/embaixo, muito/pouco, seco/molhado... Neste livro, os irmãos Charlie e Lola ensinam esses e outros opostos de forma muito divertida.

As crianças ajudam nos opostos apresentados no livro. Após, as crianças se despedem da tia Sandra.

g) Vinte e oito de maio de 2011.

No local há quatro crianças a espera de tia Sandra, sendo duas meninas e dois meninos; uma menina de dez anos comparece quase todos os sábados. Neste dia tia Sandra se fantasiou de sapinho, as crianças ao vê-la a cumprimentam. Então

⁸² SHEPHERD, Jodie. **Adivinha quem eu sou? Amigos da Fazenda**. Rio de Janeiro: Sextante infantil, 2008.

⁸³ KINDERSLEY, Dorling. **Olho mágico – fazenda**. São Paulo: Caramelo, 2010.

⁸⁴ SOUSA, Mauricio de; SILVA, Yara Maura. **Oi, eu sou o Cebolinha**. São Paulo: Editora CEDIC, 2008.

⁸⁵ CHILD, Lauren. **Charlie e Lola: opostos**. São Paulo: Ática, 2009.

ela conta: *O cão guloso*⁸⁶. As crianças dizem que são feias as coisas que o cão faz pegar as comidas dos outros animais sem pedir. Aproveitando a atenção das crianças, tia Sandra narra: *Eu nunca vou comer um tomate*⁸⁷. As crianças ajudam a decifrar o que a Lola não gosta de comer; um menino se diverte com as invenções de Charlie. Em seguida, é narrada: *A verdadeira história do chapeuzinho vermelho*⁸⁸. No momento há quatro meninas e dois meninos, todos prestam atenção. Eles se divertem com a raiva de Chapeuzinho Vermelho. E segue mais uma história: *Comida de dinossauro*⁸⁹. Um menino se assusta com as comidas do dinossauro Heitor; outro menino, que é fiel aos sábados acaba de entrar na roda. Uma menina que não estava prestando muita atenção se levanta e vai com seu pai até a estante escolher um livro para folhear. Tia Sandra apresenta a moral da história, que não se deve comer muito, pois pode passar mal igual ao Heitor. E depois, conta: *Oi, eu sou o Chico Bento!*⁹⁰ Essa história se passa no sítio onde o Chico Bento mora. Tia Sandra pergunta às crianças quais animais têm na roça, as crianças respondem vaca, cachorro, cavalo... No momento tem sete meninos e sete meninas de três a sete anos de idade. Então, ela conta: *Cocô no trono*⁹¹

Um pintinho tira sarro de vários bichos que já aprenderam a sentar no trono - e que fazem cada um sua "espécie" de cocô. Mas, ao final, ele também apresenta sua *performance* (aprende a usar a privada sozinho), e para completar ainda toca a descarga, tarefa que cabe ao leitor desempenhar, apertando um botão sonoro. Os animais incentivam as crianças a largarem as fraldas e começarem a sentar o trono.

As crianças adivinham os nomes dos animais das ilustrações contidas no livro. As crianças se divertem com o elefante sentado no trono.

As crianças sugerem livros para a tia Sandra. Então ela pede para eles escolherem entre *Quem tem medo de fantasma?* e *Quem tem medo de bruxas?* A primeira história ganhou. Um menino ao fundo disse que não tem medo de nada, e outras crianças também dizem que não tem medo de nada. Por haver algumas conversas, tia Sandra pede silêncio para as crianças. Um menino disse: É porque

⁸⁶ PHILLIPS, Trish. **O cão guloso**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

⁸⁷ CHILD, Lauren. **Eu nunca vou comer um tomate**. São Paulo: Ática, 2009.

⁸⁸ BARUZZI, Agnese; NATALINI, Sandro. **A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho**. São Paulo: Brinque-Book, 2008.

⁸⁹ KUBLER, Annie. **Comida de dinossauro**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

⁹⁰ SOUSA, Mauricio de; SILVA, Yara Maura. **Oi, eu sou o Chico Bento**. São Paulo: Editora CEDIC, 2008.

⁹¹ CHARLAT, Benôit. **Cocô no trono**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.

alguém o matou, daí ele virou fantasma. Dois meninos se escondem do fantasma, um deles disse que tinha medo de fantasma. No momento uma menina, cuja mãe a havia deixado na roda para visitar a loja, sai da roda à sua procura; com isso tia Sandra pára a história e pede ajuda para uma das funcionárias da loja ajudar a menina a encontrar sua mãe e retoma a história. E em seguida, conta: *Não faça isso, Dragão!*⁹².

Algumas crianças se distraem durante a contação; no momento são quatorze crianças, oito meninos e seis meninas. As crianças pedem pela história da bruxa e ela conta: *Quem tem medo de Bruxa?*⁹³.

Uma menina chega vestida de Branca de Neve, tia Sandra pede para ela sentar mais na frente, pois é onde há espaço, e diz que ela está muito bonita. Nesse momento as crianças se distraem com a passagem da Banda do Espírito Santo que passa em frente à Livraria, mas quando tia Sandra mostra a figura do sapo, uma menina fala – ele tem chulé, porque não lava o pé. Então tia Sandra narra: *Bagunça e arrumação*⁹⁴.

Dois meninos que estão desde o começo, mas não param quietos, vão até as estantes e voltam a se sentar. Há movimentos de pais, musica alta no piso superior e algumas conversas das crianças, tudo isso exige que tia Sandra aumente sua voz na próxima contação: *Super-Heróis - O Poderoso Livro Pop-Up*⁹⁵

Com mais de 25 incríveis pop-ups, este livro traz também uma porção de novidades: uma lanterna que emite bat-sinais, uma cena de luta cósmica da Liga da Justiça, um jato transparente invisível - e muito mais! Estrelando o Super-Homem, o Batman, a Mulher Maravilha, O Lanterna Verde e muitos outros, *Super-Heróis - O Poderoso Livro Pop-Up* explora de maneira divertida e inesquecível o universo dos heróis da DC.

Um menino estava folheando esse livro, e pediu para tia Sandra mostrar para as demais crianças; ele conhece a grande maioria dos super-heróis do livro. Ele não se senta para que as outras crianças também possam olhar as imagens, e fica ajudando tia Sandra a abrir as imagens em 3D. Quando os meninos veem os super-heróis, eles se agitam, tentam descobrir quem são.

Após, tia Sandra narra: *Que tem medo de monstro?*⁹⁶

⁹² KUBLER, Annie. **Não faça isso, Dragão!** São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

⁹³ JOLY, Fanny; ROCHUT, Jean-Noel. **Quem tem medo de Bruxa?** São Paulo: Scipione, 1996.

⁹⁴ PIRILLO, Marília. **Bagunça e arrumação.** São Paulo: Prumo, 2009.

⁹⁵ REINHART, Matthew. **Super-Heróis - O Poderoso Livro Pop-Up.** São Paulo: Salamandra, 2010.

⁹⁶ JOLY, Fanny; ROCHUT, Jean-Noel. **Quem tem medo de Monstro?** São Paulo: Scipione, 1996.

Uma aventura fantástica mudou o rumo daquela tarde fria de inverno. O menino ouviu estranhos grunhidos, viu pegadas enormes na neve e decidiu verificar de quem eram.

No momento são doze crianças, oito meninos e quatro meninas. Após essa história tia Sandra encerra a sessão.

h) Quatro de junho de 2011.

Tia Sandra está de bruxa, chapéu preto com bolinhas roxas, roupa preta com roxo. E conta: *Branca de Neve e os sete anões*⁹⁷.

Neste momento só há uma menina de aproximadamente seis anos, então tia Sandra resolve se sentar perto da menina, no chão, e assim contar a história para ela. A menina conhece a história, pois tia Sandra faz perguntas a ela e ela responde sem rodeios. Após essa história a menina vai embora, e não há outras crianças no recinto. Momentos depois uma menina de cinco anos aparece e tia Sandra pergunta se ela que ouvir histórias; como a menina responde de forma afirmativa, elas escolhem juntas: *Eu nunca vou comer um tomate*⁹⁸. Momentos depois mais três crianças, de um a sete anos de idade, aparecem e começam a ouvir a história. Uma menina ajuda tia Sandra com os nomes dos alimentos. Duas meninas da roda vão até as estantes; uma delas pega um livro e o traz para a roda. Tia Sandra pergunta a elas quem já viu o filme *Pequena sereia* e um menino responde: Eu tenho um livro.

Depois, narra-se: *A lagarta trituradora*⁹⁹

A lagarta deseja voar como uma abelha e gostaria de ser levada pelo vento como um pássaro. Mas tudo o que consegue fazer é roer e triturar as folhas do arbusto de amoras silvestres. Quando a borboleta se aproxima, sorri cheia de mistério, pois sabe de algo que a lagarta não sabe... o que será?

Uma menina pergunta: Tia, o que ela ta comendo? Ela responde: Folhas. Três meninas prestam atenção. A seguir, conta: *O peixinho engraçadinho*¹⁰⁰

⁹⁷ SOUZA, Heloisa. **Branca de neve e os sete anões**. São Paulo: Raí Kids, 2010.

⁹⁸ CHILD, Lauren. **Eu nunca vou comer um tomate**. São Paulo: Ática, 2009.

⁹⁹ CAIN, Sheridan; TICKLE, Jack. **A lagarta trituradora**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2000.

¹⁰⁰ TICKLE, Jack. **O peixinho engraçadinho**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2007.

Na água fria do fundo do mar, onde os belos corais crescem, dois acarás-bandeiras querem brincar e de todo o resto se esquecem. Muitas criaturas do fundo do mar surgem desses lindos pop-ups que as crianças vão gostar muito!

Uma menina pergunta: O que é isso? Outra responde: Eu acho que é uma arraia, outras duas meninas que respondem: Baleia. Mas era uma arraia.

Quando tia Sandra mostra a imagem de um Tamboril – possui uma barbatana dorsal onde se localiza um raio (a isca) que atrai as presas para a boca do animal –, uma menina lembra-se do filme Nemo, outra menina disse que era uma lagosta e um menino disse que era um camarão. As crianças acertam na grande maioria os nomes dos animais. Ao término da história as crianças se despedem dos animais.

Tia Sandra vai buscar mais livros nas estantes, para a faixa etária das crianças presentes. A mãe de uma das meninas, diz para tia Sandra que quando a menina chega em casa quer ler os livros que ela ouve na Livraria.

Em seguida, a história: *Comida de dinossauro*¹⁰¹. No momento estão presentes seis crianças: quatro meninas e dois meninos. Um menino se diverte com a história, três crianças que estão na roda se divertem folheando livros, o que atrapalha as outras crianças que querem ouvir a história. Tia Sandra interrompe a história com a chegada de uma criança e seus pais que ela conhece, para cumprimentá-los. E logo depois conta: *Festa da Salamandra*¹⁰²

A salamandra e seus amigos adoram um agito. Por isso, essa turminha quer chegar logo a uma grande festa, na qual todos vão se divertir de montão.

Uma menina pergunta de que cor é a Salamandra e a tia responde que é amarelo e preto. A história tem outros animais e tia Sandra pede ajuda das crianças para contar os besouros. Só uma menina responde, após vem a contagem dos corais; mais crianças a ajudam – uma menina se assusta e fala para tia que tem aranha e as crianças ajudam a contar quantas aranhas tem. Duas crianças, um menino e uma menina comparecem pela primeira vez e ficam animados com a história: *O grande desejo do pequeno dinossauro*¹⁰³

¹⁰¹ KUBLER, Annie. **Comida de dinossauro**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

¹⁰² MITTER, Matt. **Festa da salamandra**. São Paulo: Caramelo, 2008.

¹⁰³ LIMA, Michele de Souza. **O grande desejo do pequeno dinossauro**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

O pequeno dinossauro quer muito explorar o mundo. Mas quando ele tem essa chance, percebe que não é exatamente o que ele imaginava.

Um menino diz que gosta de dinossauros, e ajuda tia Sandra com os nomes dos dinossauros; quando apareceu um que ele não sabia o nome disse: Eu conheço, mas não sei bem o nome, mas ele é bem pesado. Uma menina que está perto da tia Sandra presta muita atenção, e tenta responder as perguntas feitas pela tia, mas na maioria é com a cabeça que ela responde. As crianças dão tchau para os dinossauros. E se prepararam para ouvir: *Não faça isso, Dragão!*¹⁰⁴.

Uma menina trouxe seu ursinho para escutar histórias também. As crianças, por meio das imagens, tentam descobrir o que acontece com o dragão. E no final tem uma festa para o dragão e a tia Sandra pede para as crianças cantarem parabéns.

Depois, conta: *Curto e longo, alto e baixo*¹⁰⁵, livro já comentado. Tia Sandra diz: Vamos ver que bicho vai aparecer aqui! E as crianças ficam quietas tentando descobrir o nome do animal.

As três próximas histórias contadas são repetidas, pois como essas crianças que estão agora no local não estavam antes, tia Sandra resolveu recontá-las. São: *A lagarta trituradora*; *Eu nunca vou comer tomate* e *O peixinho engraçadinho*. No caso da *A lagarta trituradora*, estão presentes oito crianças cinco meninos e três meninas. Quanto na história *Eu nunca vou comer tomate*, tia Sandra mostra as comidas que a Lola não gosta; as crianças dizem que gostam desses alimentos. Três crianças se despedem de tia Sandra. Chegam três meninas e um menino vai embora; ficam ouvindo histórias nove crianças, sete meninas e dois meninos, que apreciam *O peixinho engraçadinho*. Tia Sandra pergunta se eles se lembram desse animal (Tamboril); as crianças não se manifestam, mas quando ela menciona o filme Nemo, todos se lembram dele. Um menino conhece o fundo do mar, ele encontra um baiacu no livro e diz: Não se pode comer baiacu, pois eles são venenosos. No final da história as crianças se despedem dos animais.

Inicia-se, então: *Procurando as fadas*¹⁰⁶

¹⁰⁴ KUBLER, Annie. **Não faça isso, Dragão!** São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

¹⁰⁵ ESCOTT, Lan. **Curto e longo, alto e baixo**. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

¹⁰⁶ UM, Yoojin. **Procurando as fadas**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.

Cinco pequenas fadas brincalhonas estão desaparecidas. Será que uma está dormindo em uma flor? Tente descobrir onde ela está escondida...

As crianças descobrem os animais que estão escondidos atrás das folhas e flores. As crianças contam quantas fadinhas ainda faltam encontrar. Em seguida, tia Sandra conta: *Oi, eu sou o Cascão*¹⁰⁷, livro já comentado. No momento são nove crianças, sendo um menino e oito meninas. As crianças prestam atenção e ajudam tia Sandra com as características dos personagens.

As crianças se despedem de tia Sandra, algumas vão embora com seus pais, e outras permanecem, folheando livros.

Analisando a contação de histórias na *Livraria Catarinense*, a acadêmica percebeu que a grande rotatividade das crianças atrapalha o bom andamento da *Hora do Conto*. Ruídos e conversas paralelas também contribuem para distrair a atenção das crianças. A deambulação de pais e crianças também perturba a contação de histórias. Além disso, as histórias se aglomeram, ou seja, a contadora passa de uma história para outra, sem dar tempo das crianças digerirem o enredo, trabalharem a imaginação e refletirem um pouco sobre as situações, fazerem paralelos com suas vivências, ou, simplesmente, sonhar. Se diminuísse o número de histórias e permitisse às crianças viajarem no imaginário, em vez de se preocupar com aspectos didáticos, a contação seria mais prazerosa. E, uma coisa que chamou, em especial, sua atenção: com tantos títulos na Livraria, a contadora poderia (e deveria) diversificar as histórias. Não havia necessidade de repetir os mesmos contos. Claro que às vezes as próprias crianças solicitavam histórias conhecidas, mas de modo geral, era a contadora que selecionava as histórias. Assim, ressalta-se que a contadora não se utilizou de critérios na escolha das histórias a serem contadas, ela selecionava algumas que as crianças já mostravam preferência, ou as que ela já conhecia. Dessa forma, com contos repetidos e atropelados, barulhos da rua ou da própria Livraria, chegada e partida de crianças a todo instante, a *Hora do Conto* faz sucesso e tem público garantido.

¹⁰⁷ SOUSA, Mauricio de; SILVA, Yara Maura. *Oi, eu sou o Cascão*. São Paulo: Editora CEDIC, 2008.

4.2 Barca dos Livros

A Sociedade Amantes da Leitura, inaugurada em agosto de 2003, é uma associação sem fins lucrativos, com o intuito de criar novos entusiastas da leitura. Em 2006 o Projeto “Biblioteca Barca dos Livros” foi aprovado pela Lei Federal de Incentivo à Cultura/Minc (Ministério da Cultura) pela Lei Rouanet, Artigo 18. A ideia deste projeto surgiu em 2001, quando Tânia Piacentini distraída na varanda de sua casa, avistou as embarcações que fazem o trajeto da Costa da Lagoa até o trapiche central da Lagoa: viu aí uma boa maneira de levar a literatura até as pessoas menos favorecidas que moram naquela região, e para as demais. Melo (2011) complementa que Tânia

[...] como membro do júri dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), recebia muitos livros de editoras dispostas a concorrer aos títulos. Assim, decidiu juntar as obras com alguns números de sua coleção pessoal e doar a uma instituição. Essa ideia aliou-se à proposta de criar uma biblioteca comunitária em Florianópolis. Daí para frente começou a corrida pela captação de recursos para que ela surgisse.

Em 2007 essa Sociedade alugou uma casa em frente ao trapiche, no bairro Lagoa da Conceição em Florianópolis, e implantou a “Biblioteca Barca dos Livros”, onde está localizada até os dias de hoje. Essa casa possui dois andares: no primeiro piso, o Café Sombreado; um cantinho para multimídia – onde podem ser assistidos filmes disponibilizados pela biblioteca – e um sebo. Na parte superior funciona a Biblioteca, onde ocorre a maioria das atividades oferecida por ela (SOCIEDADE..., 2011).

A Biblioteca é referência na área do livro e da leitura, e presença constante na mídia local e nacional; recebeu inúmeros prêmios e conta com um vasto número de patrocinadores e voluntários – estes últimos atuam na catalogação, divulgação, narração de histórias, música, formação de leitores e mediadores de leitura. Também conta com um brechó, sebinho de livros, Sarau de Histórias, contribuição por meio de Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A. (Celesc), entre outros meios para arrecadar fundos.

A Biblioteca Barca dos Livros possui como objetivo “facilitar o acesso ao livro e à leitura e a formação do leitor” por meio “do atendimento diário e gratuito à comunidade e do programa mensal de incentivo à leitura, com a qualidade de um

acervo de livros escolhidos”. (SOCIEDADE..., 2011). Em seu acervo possui mais de 10.000 livros já catalogados e 3.000 em fase de catalogação. Neste numeroso acervo constam livros de poesia e prosa de ficção – lendas, fábulas, contos, novelas, romances, literatura brasileira e estrangeira – para o público infantil, juvenil e adulto, e também biografias, filosofia, artes, história, ciências, meio-ambiente e outras áreas. Na maioria são livros recebidos por doações.

Até 2012, uma das metas da Sociedade Amantes da Leitura é a aquisição barco-biblioteca (biblioteca itinerante). Esse barco será adaptado, respeitando as condições geográficas, e o meio-ambiente. E com isso ampliará ainda mais o seu público. Atualmente a Biblioteca conta com um aluguel do barco mensal, com três passeios, normalmente aos domingos, mas com a compra deste barco a intenção é aumentar suas saídas.

A *Biblioteca Barca dos Livros* conta com um intenso programa de incentivo à leitura. Algumas atividades são semanais: Terça Encont(R)os; A Escola vai à Barca – Porto de Leituras; Quartas de Babel; Quinta literárias. Outras atividades são mensais: Encontros com Autores; Histórias na Barca dos Livros; Sarau Infantil; Saraus de Histórias. E também há Cursos e Oficinas, e Eventos como exposições e bazares para angariar fundos para a manutenção da biblioteca.

“A Escola vai à Barca” foi o foco da presente pesquisa. Inaugurada em outubro de 2007, a fim de comemorar o mês da criança leitora, essa atividade era realizada nas terças-feiras, mas a partir de março de 2008 a atividade passou a se realizar nas quartas-feiras. Nesta atividade a Biblioteca recebe, no horário das 10h, às 14h e às 16h, e com agendamento prévio, escolas, preferencialmente da rede pública. Ressalta-se, entretanto, que as cinco escolas que compareceram nos meses entre março e junho de 2011 foram: Colégio da Lagoa; Escola da Ilha; Escola Expressão; Escola da Fazenda, são da rede privada de ensino, e a CEI Coqueiro, foi a única da rede pública de ensino.

Também recebe grupos de educação não formal, como os lares de acolhimento, asilos, associações comunitárias e outras ações sociais. Nessas visitas são apresentados o acervo, o espaço, as atividades são orientadas, e há narração e leitura de histórias. Com a compra do barco, pretende-se realizar essa atividade “A Escola vai à Barca” realmente dentro da barca, pois o que algumas pessoas imaginam quando se fala desta atividade, é que esta é realizada em um barco, mas não é assim que ocorre por não haver condições financeiras para alugar todas as

quartas-feiras o barco para a escola sair, nem haver um barco próprio. Assim, esta atividade ocorre na sede da biblioteca.

A visita está dividida em etapas: apresentação do espaço; orientação sobre a atividade; exploração do acervo e a *Hora do Conto*. Esta última inicia com uma musiquinha: “conta um, conta dois, conta três, mil histórias para vocês, conta quatro, conta cinco, conta seis, era uma vez, conta sete, oito, nove e dez, conta outra vez”; essa atividade é realizada no piso superior. No final da atividade as crianças são convidadas a voltarem junto com seus pais, amigos e familiares para fazer seu cadastro na biblioteca e assim poder levar emprestados os livros.

No mês de abril a Barca comemora, desde 2005, “Abril com livros”, que enfatiza três datas principais para a cultura letrada nacional e internacional: dia 02, o Dia Internacional do Livro Infantil e o nascimento de Hans Christian Andersen; dia 18, o Dia Nacional do Livro Infantil e o nascimento de Monteiro Lobato; e no dia 23, o Dia Mundial do Livro e do Direito do Autor. Em abril de 2011 as atividades realizadas na Barca homenagearam estes autores, com seus contos, histórias e afins.

No mês de maio de 2011 a Barca deu início à comemoração do aniversário Internacional dos Museus. Nas observações – quartas-feiras – deste mês contou-se com a presença da Pesquisadora e Consultora Autônoma na área dos Museus, Maria Isabel Ferraz Pereira Leite. Ela e as tripulantes da Barca convidaram as crianças para fazerem uma visita aos Museus, juntos de seus pais ou até mesmo com a escola.

Os tripulantes que compareceram na atividade “A Escola vai à Barca”, nesses três meses observados foram: Tânia Piacentini é uma das fundadoras, coordenadora geral e uma das sócias efetivas; Silvana Gili é uma das integrantes da equipe executiva; Ketlen Stüeber é a bibliotecária; Isa Saraiva Ferreira é uma das sócias efetivas e diretora administrativa; Francine Canto faz parte da assessoria em multimídia digital; Maria Isabel Ferraz Pereira Leite é pesquisadora e consultora autônoma na área dos Museus; Guido Roberto Loeff é um dos contadores de histórias e Gustavo é estagiário, estudante de Educação Física na Universidade do Estado de Santa Catarina. Além da atividade “A Escola vai à Barca”, os tripulantes também participam de outras atividades oferecidas pela biblioteca.

A seguir, relata-se as atividades de *Hora do Conto* observadas na *Biblioteca Barca dos Livros*.

a) Seis de abril de 2011

O Colégio da Lagoa visita a Barca, são dezessete crianças de cinco anos, sendo onze meninos e seis meninas; destas, onze já compareceram na biblioteca. As crianças são recepcionadas pela bibliotecária Ketlen, um menino pergunta a ela se irão passear de barco, então Ketlen responde: Não, iremos conhecer a biblioteca, o passeio de barco é outro dia. Ele replica: Ahh, eu queria é andar de barco. Ketlen junto com a professora, o convence de convidar os seus pais para vir outro dia para passear de barco.

Então, Ketlen apresenta a casa e suas regras; após, as crianças sobem as escadas para conhecer a biblioteca. As crianças se divertem com os livros, os tripulantes da Barca os ajudam a procurar os livros: os meninos se interessam por livros de terror, as meninas por livros de fadas. Com o livro escolhido em mãos, cada criança procura um adulto para que este leia a história. As crianças se divertem com os livros em grupo ou sozinhos. Os tripulantes são: a bibliotecária Ketlen; Tânia; Guido; Gustavo e Francine.

Antes de começar a contação de histórias, Tânia apresenta a música para acordar as histórias para as crianças.

Guido diz que a história que acordou foi a dele, uma história de medo, de fantasma. Ele pergunta às crianças quem tem medo de fantasma e de monstro; as crianças relatam que tem medo, outros dizem que os fantasmas não existem. Então, Guido narra uma história, utilizando sua imaginação:

O fantasma entrou pela janela, e viu que no fio da lâmpada tinha uma mosca, então, ele chegou perto da mosca e fez – buuuh! A mosca se assustou e saiu voando, se escondeu em um buraco escuro, neste buraco escuro tinha uma coisa gosmenta, e ela estava toda enrolada naquele buraco escuro. Era a boca de uma guria, que estava aberta ouvindo essa história. A guria percebeu que tinha uma mosca em sua boca, e com nojo, a cuspiu, assim, a mosca morreu e virou um fantasma.

As crianças colaboram respondendo as perguntas feitas por Guido. E quando Guido fez buuuh!, as crianças se assustaram. As crianças prestam muita atenção. Guido conta a segunda história a pedido das crianças. Uma menina pede para ele

pegar um livro de terror, eis o que Guido responde: Não, nada de livro de terror, aqui é tudo na minha cabeça, a minha cabeça é um livro. E conta: *O monstro da Lagoa*

Há muitos anos atrás, em uma região que hoje se chama Campeche, existia um lago negro no meio de uma floresta sombria, neste lago morava um monstro chamado monstra. Ela comia tudo que chegava perto desta lagoa, por isso a lagoa ficou escura, até o dia que não havia mais nada o que comer. Então, a monstra percebeu que se ela deixasse as arvores crescer e dar frutos, ela poderia comer seus frutos, e foi o que ela fez. Com isso, a lagoa ficou limpa, bonita, e hoje ela se chama a Lagoa do Peri.

As crianças falam que já foram nesta lagoa, mas não encontraram nenhum monstro, então, Guido explica que precisa ser em um dia e hora especial. Após Guido contar, as crianças cantam a música para chamar outra história, para felicidade delas. A história que acordou foi a da bibliotecária Ketlen: *Qual o sabor da lua?*¹⁰⁸

Os animais, a tartaruga, o elefante, a girafa, o macaco e o rato, estão curiosos para descobrir o Sabor da Lua. Será doce ou salgada? Juntos, eles tentam alcançar a Lua e descobrir a resposta.

Ketlen imita os animais na busca da lua, e as crianças a acompanham, as crianças ficam curiosas para descobrir o sabor da lua, eis o que Ketlen diz a elas: O sabor da lua tem o sabor daquilo que você mais gosta. E lhes faz uma pergunta: Do que vocês mais gostam de comer? Surgem inúmeras respostas.

b) Treze de abril de 2011.

As dezoito crianças do Colégio da Lagoa, sendo doze meninos e seis meninas, entre elas uma portadora de Síndrome de Down; crianças de dois a cinco anos de idade, e suas três professoras, são recepcionadas pela Silvana e Tânia ao chegarem à Barca dos Livros.

Ao entrarem, as crianças se sentam nos sofás e no chão, conduzidas pelas professoras. Então, Silvana lhes apresenta o primeiro piso da casa, e informa acerca

¹⁰⁸ GREJNIEC, Michael. **Qual o sabor da lua?** São Paulo: Brinque-Book, 2007.

das condições que precisam ser cumpridas na parte superior, no qual está a biblioteca. Após a apresentação, as crianças visitam a biblioteca. Os tripulantes são: Tânia e Silvana.

Na biblioteca as crianças mexem nos livros e pedem para os adultos contarem as histórias contidas neles. Uma menina pediu para a acadêmica ler a história do livro que estava em sua mão para ela, mas quem inventou e contou a história foi a própria menina, com sua imaginação - por não saber ainda ler - contou sua história se baseando nas imagens dos livros, para a acadêmica ouvir.

Passados alguns minutos, as crianças foram chamadas a um canto da biblioteca para que ouvissem as histórias. Antes de iniciar lhes foi ensinada a música para acordar as histórias.

A história que acordou foi a da Tânia: *Uma cama grande, macia e fofa*¹⁰⁹

Vovó colocou Dâni na cama, uma cama grande, macia e fofa, porém quando fechou a porta atrás de si a dobradiça fez “quiiiqui”, Dâni acordou e gritou, vovó lhe disse - não foi nada, Então, vovó pensou e disse - já sei o que vamos fazer, o gato pode dormir com você só está noite, para lhe fazer companhia. Vovó colocou Dâni na cama outra vez, com o gato enrolado a seus pés, porém quando fechou a porta... E isso aconteceu inúmeras vezes, e a vovó colocou outros animais para dormir com Dâni, o cachorro, o porco, o gato, e o potro, mas todas as vezes que ela fechava a porta era aquele barulho: Dâni acordou e gritou, o gato pulou e miou, o cachorro saltou e latiu, o porco rolou e fez um nhoque, o potro deu um coice e fez ririririr, e a cama grande, macia e fofa. Vovó disse - não foi nada. Então, ela devolveu os animais para suas moradias, consertou a cama grande, macia e fofa, e na fechadura enferrujada pingou óleo nas dobradiças e colocou Dâni na cama e quando fechou a porta, com todo cuidado, a dobradiça não fez barulho e Dâni dormiu como um bebê.

As crianças ficam agitadas no início, mas com o desenrolar da história elas se acalmam e prestam atenção, e colaboram imitando os animais, e outros sons que constam na história e suas repetições. Um menino de dois anos não presta atenção, ora está nas estantes olhando os livros, ora fazendo bagunça e tirando a atenção de outras crianças. A menina que tem Síndrome de Down não se senta com as outras crianças, prefere ficar ouvindo história lida por sua professora.

Quando a história termina, as crianças se distraem. Então, dá-se início a música para acordar outra história.

A história que acordou foi a da Silvana: *A Girafa que cocoricava*¹¹⁰

¹⁰⁹ HARTMAN, Bob. Uma cama grande, macia e fofa. In.: _____. **Brinque-Book Conta Fábulas, v. 2: o papagaio bondoso e outras histórias.** São Paulo: Brinque-Book, 2006, p. 12-15.

"Todos os animais da floresta dormiam", lemos na primeira página. "Sonhando seus sonhos de bicho, roncavam, rosnavam e gemiam. Quando o sol apareceu, o Galo da floresta despertou e voou para o ramo mais alto. Estufou as penas, espichou o pescoço e, para saudar o novo dia, abriu bem o bico e...". E o que se ouviu foi um ROORRR! - um potente rugido de leão. Mas essa foi só a primeira confusão daquele dia em que tudo amanheceu trocado. Onde já se viu um galo que ruge? E, se era o galo que rugia que voz apareceu na boca do leão? Os bichos não estavam entendendo nada. Foi enorme o susto do elefante, ao desenrolar sua tromba e ouvir um sonzinho sibilante. A girafa achou que o assunto não lhe dizia respeito - já que girafas não falam -, mas qual não foi à surpresa: naquela manhã incrível, também ela participou sonoramente da alegria da floresta, amanheceu com a voz do galo.

Algumas crianças não prestam atenção, e com a bagunça Tânia os chama atenção, e diz: Quem não quiser prestar atenção deita e dorme. Assim, a bagunça ameniza, outras crianças ajudam imitando os sons trocados dos animais. Após essa história, as crianças descem as escadas e dirigem-se ao ônibus juntos às professoras.

c) Vinte e sete de abril de 2011.

A voluntária da biblioteca Isa Ferreira e a Tânia recepcionam a Escola da Ilha, e também contam com a ajuda da bibliotecária Ketlen. São dezoito crianças sendo, oito meninos e dez meninas. Recepcionam a Escola e apresentam os cômodos do primeiro piso, e as regras da biblioteca; após, as crianças sobem as escadas para conhecer a Biblioteca e explorar seu acervo.

Isa Ferreira inicia com a musiquinha, que as crianças logo ajudam a cantar. A história que acordou é da *Coelhinha*. Isa conta com muita naturalidade, sem auxílio de livros, as crianças prestam atenção, há risos e expressões nos rostos. Após o término desta história, as crianças cantam a música junto com a tripulação.

A próxima história é contada pela bibliotecária Ketlen: *Porque a tartaruga não tem cabelo*¹¹¹

¹¹⁰ Keith Faulkner. **A girafa que cocoricava**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

¹¹¹ HARTMAN, Bob. Porque a tartaruga não tem cabelo. In.: _____. **Brinque-Book Conta Fábulas**, v. 5: um leão meio faminto e outras histórias. São Paulo: Brinque-Book, 2006, p. 26-28.

Há muito tempo atrás quando a tartaruga tinha cabelo, a tartaruga adorava seu cabelo, mas adorava muito mais o mingau da sogra. Um dia a tartaruga foi tomar café com a sogra e comer o mingau, “crocante cheio de insetos e pedaços de juncos colhidos no rio”, ela adorava tanto o mingau que aproveitou a saída da sogra tão logo, pegou mais um pouco, e correu para a panela de mingau. Ops! Mas sem querer derramou mingau em sua cabeça, nisso ela escuta alguém se aproximar, era a sogra, então sem perder tempo a tartaruga colocou o chapéu na cabeça, a tartaruga com a cabeça fervendo queria ir embora logo, quando não conseguiu mais agüentar suportar o calor, disparou em direção da porta e quando se viu sozinha tirou o chapéu da cabeça o mingau estava lá e nele flutuava insetos e pedaços de juncos, mas outra coisa flutuava no mingau: todos os lindo fios de cabelo da tartaruga! Dizem que é por isso que hoje em dia as tartarugas são carecas.

As crianças comparam a tartaruga com a *Rapunzel*, por causa de seus cabelos grandes. As crianças riem da travessura da tartaruga. Canta-se novamente a música para acordar as histórias.

Tânia conta a última história, cujo título é: *Uma cama grande, macia e fofa*¹¹². Uma menina começa a folhear um livro, e ler em voz alta, em meio à história que Tânia está contando. Então, Tânia retira o livro da menina e pede para ela prestar atenção na história. As crianças contribuem com a história, imitando os sons dos animais contidos na mesma. Na história há um animal – potro –, as crianças não sabem que animal é esse, então, Tânia os informa que se refere ao cavalo recém-nascido. Uma menina diz que já sabia disso.

Após o termino da história, a tripulação se despede das crianças, e pede para voltarem com seus pais e familiares para fazer a carteirinha e levar livros para casa.

d) Quatro de maio de 2011.

Hoje quem visita a Barca é a Escola Expressão, são dezessete crianças, sendo nove meninos e oito meninas. São seis crianças do Infantil cinco, sendo três meninas e três meninos, e onze crianças do primeiro ano, sendo seis meninos e cinco meninas.

¹¹² HARTMAN, Bob. Uma cama grande, macia e fofa. In.: _____. **Brinque-Book Conta Fábulas, v. 2: o papagaio bondoso e outras histórias.** São Paulo: Brinque-Book, 2006, p. 12-15.

Silvana os recepciona, lhes informa que o mês de maio é o mês Internacional dos Museus. E explica às crianças as regras da Biblioteca; depois as crianças sobem as escadas para conhecer a Biblioteca. Hoje, os integrantes da tripulação são: Silvana, Tânia e Isabel.

Após a exploração do acervo, as crianças descem para o espaço de multimídias, pois são muitas crianças e o espaço superior é pequeno para elas se aconchegarem.

Começa a música para acordar as histórias, as crianças ajudam a cantar. A história que acordou foi a da Cama, contada por Tânia: *Uma cama grande, macia e fofa*¹¹³. Uma criança pergunta quem é Dâni, Tânia responde que é o personagem do livro. As crianças prestam atenção, risos são dados com o susto de Dâni. Quando Tânia fala do porco, as crianças dão gargalhadas. Por haver repetições no enredo da história, uma menina que está mais a frente repete as estrofes juntamente com a Tânia. No fundo, dois meninos ficam conversando, então a professora chama a atenção deles.

A próxima história que foi acordada com a música cantada foi *Manoela no Museu*, contada por Silvana.

Silvana faz uso do livro, pois contém as pinturas vistas pela Manoela no museu. Algumas crianças reconhecem aqueles quadros. E relatam suas visitas aos Museus.

Após o termino da atividade, Silvana e Isabel mostram às crianças a estante e vitrine nas quais há vários livros sobre museus, então as crianças se divertem com as figuras e histórias dos livros. Depois se despedem e seguem em fila organizada pelas professoras, até o ônibus.

e) Onze de maio de 2011.

A escola que visita a biblioteca hoje é a Escola CEI Coqueiros do maternal dois e primeiro período, com alunos de dois a quatro anos.

¹¹³ HARTMAN, Bob. Uma cama grande, macia e fofa. In.: _____. **Brinque-Book Conta Fábulas**, v. 2: o papagaio bondoso e outras histórias. São Paulo: Brinque-Book, 2006, p. 12-15.

Tânia recepciona as crianças e conta com o apoio de Isa; a curiosidade por conhecer a biblioteca entre as crianças é grande. Após as apresentações e as colocações das regras para as crianças, estas vão para o piso superior, explorar o acervo da biblioteca. As crianças se divertem com os livros, e algumas pedem para os adultos lerem para elas.

Tânia e a Isa ensinam a música para os alunos, e estes ajudam com suas vozes e dedinhos levantados. A história que acordou foi a do *Macaquinho* narrada pela Isa. As crianças prestam atenção. Ao termino da história, todos cantam a musiquinha, então acorda a outra história: *Solange e o Anjo*¹¹⁴

Solange era uma porquinha que adorava fazer arte e pintura. Mas o que ela gostava mesmo era visitar o Museu, se sentava em uma poltrona dourada que havia no Museu, e lá permanecia observando os quadros ao redor, o quadro que ela mais gostava era o que havia um Anjo. Um dia o Anjo saiu da tela, para surpresa de Solange, e os dois ficaram amigos. Todos os dias Solange visitava o Anjo, e como o Anjo não podia sair do Museu, Solange mudou-se para o Museu, tornou-se o Guarda do Museu.

Contada pela voz de Tânia, que faz o uso do livro para mostrar as ilustrações e para leitura, algumas crianças prestam atenção, outras se distraem, mas permanecem em silêncio.

Tânia pergunta às crianças quem já visitou um museu, a grande maioria levanta o braço e dizem em qual Museu foram.

Hoje a visita foi rápida, pois as crianças precisam voltar cedo para a escola.

f) Dezoito de maio de 2011.

Hoje a visita é do segundo ano da Escola Expressão, no total são vinte crianças, oito meninas e doze meninos, de seis e sete anos de idade e sua professora é a tia Sandra – contadora de histórias da Livraria Catarinense. Tânia os recepciona, juntamente com Bel, e apresenta as regras da biblioteca.

As crianças sobem para o piso da biblioteca, e ali folheiam livros de sua faixa etária, pedem para os adultos lerem para eles. Após a exploração do acervo, tia

¹¹⁴ MAGNIER, Thierry; HALLENSLEBEN, Georg. *Solange e o Anjo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

Sandra, pede para que eles se reúnam no canto onde há almofadas para que ela lhes conte uma história: *O ursinho apavorado*¹¹⁵

O ursinho acordou assustado no meio da noite. Tinha ouvido um barulho horrível... O que seria? Um leão faminto? Um gorila furioso? Um elefante? Um rinoceronte? E onde estava o papai do urso? Não iria socorrer o seu filhinho? Não, pois o autor do barulho horrível que assustou o ursinho era o ronco do papai.

No começo as crianças ficam agitadas, mas após se acalmam e passam a prestar atenção. Com o desenrolar da história as crianças já descobrem quem é o autor dos barulhos. Então, a professora pergunta quem foram os animais que o ursinho imaginara, e cada aluno levanta seu dedinho e fala o nome dos animais.

Em seguida, as crianças descem para o cantinho de multimídia e Tânia apresenta as condições para levar os livrinhos para casa; posteriormente lhes ensina a musiquinha para acordar as histórias, que acaba acordando a história: *Uma cama grande, macia e fofa*¹¹⁶. Tânia faz uso do livro para leitura e para ilustração, mas a imagem que mostrará o auge da história ela não apresenta, faz suspense, para que as crianças imaginem o que se passa na história, pois Tânia queria que as crianças imaginassem como couberam todos os animais em cima da cama. Nos trechos repetidos, as crianças ajudam a contar a história. Quando a história termina e todos os animais foram apresentados, Tânia mostra a página com a imagem da cama e todos os animais em cima dela. No final da história as crianças pedem para ver as imagens.

A próxima a contar história é a Bel: *Solange e o Anjo*¹¹⁷. Bel utiliza-se do livro para contar, as crianças colaboram com suas lembranças de visitas aos Museus. No final, Bel informa às crianças que neste dia é o Dia Internacional dos Museus, então todos cantam parabéns aos Museus, e após se despedem da pequena tripulação.

¹¹⁵ FAULKNER, Keith. **O ursinho apavorado**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

¹¹⁶ HARTMAN, Bob. Uma cama grande, macia e fofa. In.: _____. **Brinque-Book Conta Fábulas, v. 2**: o papagaio bondoso e outras histórias. São Paulo: Brinque-Book, 2006, p. 12-15.

¹¹⁷ MAGNIER, Thierry; HALLENSLEBEN, Georg. **Solange e o Anjo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

g) Vinte e cinco de maio de 2011.

A Biblioteca Barca dos Livros recebe a visita da Escola da Fazenda, vinte e três alunos, do sexto e sétimo ano, são treze meninas e dez meninos, e uma professora e um assistente. Silvana os recepciona, juntamente com Tânia, a maioria das crianças já conhece a Biblioteca. Após lhes apresentar as regras da biblioteca, as crianças são convidadas a subir e explorar o acervo. Elas se interessam por gibis, livros de terror, sexualidade. Alguns alunos aproveitam o sol na varanda para lerem os livros. Após esse momento de descontração, as crianças são convidadas a ir para o primeiro piso, na parte de multimídias, e ali ouvirem as histórias, pois são muitos os alunos.

Tânia está sentada na poltrona, e aos seus pés as crianças ficam olhando curiosas para saber a história a ser contada. Então, Tânia lhes faz uma pergunta: Quem conhece a literatura fantástica? Mas, ninguém se manifesta até Tânia lhes apresentar o conteúdo do livro *Os animais fantásticos*¹¹⁸, que esta em suas mãos: O Basilisco; O Bucéfalo; O Centauro; O Cérbero; O Ciclope; O Dragão; A Esfinge; O Fauno; A Fênix; O Grifo; A Hidra; O Minotauro; O Ogro; O Pégaro; A Sereia e O Lobisomem.

A cada capítulo do livro passado por Tânia, as crianças os relacionavam com os livros/filmes de Harry Potter, o filme de Shrek, entre outros. Tânia lhes pergunta sobre quem querem saber, pois este livro é narrado em primeira pessoa, ou seja, conta a vida do personagem, como se fosse este a narrar. As histórias escolhidas foram: O Grifo e A Fênix. Ao terminar, as crianças aplaudem a história e a contadora.

Em seguida, Silvana senta na poltrona, apresenta o mês dos Museus e pergunta-lhes se todos os alunos já visitaram os museus de Florianópolis, ou de outras cidades. Os alunos respondem que visitaram o da Pontifícia Universidade Católica – PUC de Porto Alegre, e contam o que encontraram nos Museus já visitados: quadros, estatuas, múmias; após, essa conversa, Silvana dá início à sua história: *Procurando Arte*

¹¹⁸ LETRIA, José Jorge; LETRIA, André. **Os animais fantásticos**. São Paulo: Peirópolis, 2008.

Um menino que está a procura de seu amigo chamado Arte, ao passar em frente a um Museu ele pergunta a uma pessoa se esta viu Arte? Então, essa pessoa o convida a entrar e procurar dentro do Museu; ali encontra muita arte, mas não seu amigo Arte. Ao sair do Museu depara-se com seu amigo Artemiro, e vão embora juntos.

Silvana utiliza o livro para leitura e ilustrações dos quadros e passagem do menino pelos cômodos do Museu. Os alunos já desconfiam de quem seja Arte, mas esperam o final da história para comentar.

Os alunos gostaram da visita, Silvana os convida a dar uma olhada na exposição de livros do Museu disponível na estante; após a leitura desses livros as crianças se despedem e se dirigem para o ônibus.

h) Um de junho de 2011.

A Escola da Lagoa com suas vinte e duas crianças, sendo dez meninas e doze meninos, e suas duas professoras, visitam a Barca neste dia.

Silvana os recepciona, a maioria das crianças já conhecia a Biblioteca, assim, Silvana perguntou as crianças: Quando a professora falou que vocês viriam a esta biblioteca o que vocês pensaram? Uma Biblioteca cheia de livros, disse um menino. Outro menino respondeu: Um barco cheio de livros. E assim, muitas outras crianças levantaram seu dedinho, mas as respostas eram sempre as mesmas.

Neste dia a escola visitante contou com a participação também de Gustavo, e de Ketlen.

Silvana apresenta as regras da biblioteca, e lhes faz outra pergunta, de quais tipos de livros eles mais gostam, e a resposta foi variada: terror, contos de fadas, dinossauros, entre outros. Ao termino, as crianças, em fila organizada pelas professoras, sobem as escadas para conhecer a Biblioteca.

As crianças procuram livros de sua faixa etária, suspense, terror, quadrinhos. Com os livros em mãos, se sentam nas almofadas localizadas no chão, ou nos sofás. Alguns minutos depois, as crianças sentam-se em um cantinho da biblioteca para ouvir as histórias. Antes de dar inicio à sessão de contação de histórias, é apresentada a música a eles para acordar as histórias.

A história que acordou foi a contada por Gustavo, cujo título é *Patrícia*. As crianças contribuem com a história, quando Gustavo revela que o vulto era o vigia, as crianças riem.

A história a seguir foi contada por Silvana: *Solange e o Anjo*¹¹⁹. Silvana pergunta as crianças o que é um Museu? Algumas crianças levantam os dedinhos. Quando Silvana pergunta a elas quem já visitou um Museu, muitos dedinhos pairam no ar. Uma menina responde que já foi no Museu Rosa, subentende-se que possa ser o Museu Cruz e Souza, localizado no centro de Florianópolis.

Para contar a história, Silvana utiliza-se do livro, para ilustração e para leitura. Ao final da história Silvana pergunta quem gostou da história, novamente muitos dedinhos erguidos.

Após, a bibliotecária Ketlen apresenta as condições para retirar os livros e levá-los para casa. Quando se despedem, algumas crianças querem emprestado o livro que estavam lendo, antes de pararem para ouvir as histórias; assim, Ketlen os informa que precisa da carteirinha, e para isso é preciso que voltem com seus pais.

Analisando as atividades de contação de histórias executadas na *Biblioteca Barca dos Livros*, a acadêmica percebeu que o público-alvo é diferente, pois as crianças, por estarem vinculadas a determinada escola, vêm acompanhadas dos professores. Além disso, é uma visita previamente agendada e não informal, como acontece na *Livraria Catarinense*. Na *Barca dos Livros* as crianças percebem que há regras a ser obedecidas e se submetem a elas. Outro diferencial é que algumas histórias são contadas de forma espontânea, sem o auxílio de livro, valendo-se da memória e imaginação do contador. Muito embora algumas histórias tenham se repetido, o público sempre foi diferente, o que significa que, para aquelas crianças, a história era nova. Observou-se, entretanto, o didatismo presente antes ou após a história, com perguntas que instigavam o conhecimento e não o lúdico ou a imaginação. Entretanto, a Barca tem agradado as crianças o que indica que a figura do leitor e do contador de histórias ainda seduz.

¹¹⁹ MAGNIER, Thierry; HALLENSLEBEN, Georg. *Solange e o Anjo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações realizadas pela acadêmica nas instituições citadas contribuíram para comprovar que as histórias e contos infantis ainda emocionam e cativam as crianças a estar próximo deste universo extraordinário, aguçando sua imaginação, por meio da criação de personagens e locais, conforme o estímulo do narrador.

Foi observado na *Livraria Catarinense* que a contadora, tia Sandra, estimula muito o imaginário das crianças, sempre fazendo perguntas em relação aos personagens, como por exemplo, aonde mora? O que ele come? O que ele está fazendo? Assim, notou-se que por meio destas perguntas as crianças interagem com um mundo além do mundo real. Por exemplo, um menino que se lembra do filme *Nemo* ao ver um peixe parecido com o personagem do filme, e ao mencionar isso para tia Sandra, as outras crianças também se lembram, e todos fazem suas narrativas em relação ao filme.

A acadêmica, por presenciar essas histórias, também estimulou sua imaginação e lembrou-se de sua infância, das histórias ouvidas, canções cantadas, e do encantamento que a literatura infantil produz. Percebeu também a importância de realizar a atividade de *Hora do Conto* em lugares diversos, como por exemplo, em escolas, bibliotecas, lares, enfim; aumentou seu desejo de desempenhar essa tarefa quando exercer sua profissão de bibliotecária, e assim, poder despertar o desejo pela leitura nas crianças pelo ato de contar histórias.

As reações das crianças foram diversas perante as histórias contadas, traduzindo assim, as emoções de cada momento: em momentos de alegria, riam juntos; quando era necessário imitar os personagens imitavam juntos; os momentos de suspense e sustos eram compartilhados. Constatou também que algumas crianças folheavam livros durante as histórias narradas, por diversos motivos, tais quais: por não haver interesse na história narrada; por estar no local há algum tempo; pelas ilustrações contidas neste livro lhes chamarem mais atenção, e cada vez mais buscando conhecer novas histórias. Na *Livraria Catarinense* o movimento que há na loja facilita a distração das crianças; com as chegadas e partidas das crianças e familiares, as histórias são frequentemente interrompidas para que tia Sandra possa saudá-los ou acomodar as crianças, interrompendo a imaginação das

outras crianças. Mas, em sua grande maioria prestam atenção às histórias do início ao fim, interagindo com a história e o contador.

Nesses três meses de observação, detectou, que a grande maioria das histórias se repetiu. Na *Livraria Catarinense*, algumas crianças que comparecem periodicamente já conhecem a maioria das histórias, sugerindo, inclusive, que fosse contada outra, mas como há no local, crianças que ainda não ouviram essas histórias, as sugestões não eram acatadas pela contadora.

As histórias que mais se repetiram na *Livraria Catarinense* foram: *Boneco de neve*; *Adivinha quem sou eu? Amigos da fazenda*; *Aí vêm os Backyardigans*; *Eu nunca vou comer um tomate*; *Da pequena toupeira: que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela*; *Toy Story 3: Misture e monte*; *Que barulho é esse, Ratinho?*; *A verdadeira história do chapeuzinho vermelho*; *O aniversário da Ninoca*; *Ninoca vai dormir*; *O cão guloso*; *Mansão assombrada*; *Dinossauros adoram cuecas*; *Os três porquinhos*; *Comida de dinossauro*; *Quem tem medo de tempestade?*; *Quem tem medo de Bruxa?*; *Bagunça e arrumação*; *Curto e longo, alto e baixo*; *Não faça isso, Dragão!*; *Oi, eu sou o Cascão*; *Oi, eu sou o Cebolinha*.

Na *Livraria Catarinense*, tia Sandra utiliza os livros para leitura e para mostrar as ilustrações para as crianças. A grande maioria dos livros são em 3D, ou em pop-ups, livros de dedoches, livros de brincadeiras, com sons, e entre outros. Em relação ao local este não é adequado para uma boa atividade de *Hora do Conto*; é aconchegante, possui tapetes, cadeiras e boa iluminação, mas não há silêncio. Por se tratar de um estabelecimento comercial, pessoas entram e saem, há muita conversa, contribuindo para dispersão das crianças. Ao término da *Hora do Conto* algumas crianças permanecem no estabelecimento à procura de um livro para comprar e lê-lo em casa, ou na roda folheando os livros que tia Sandra contou, ou procurando outros nas estantes.

Também observou que a contadora vale-se de adereços, pois se fantasia para contar as histórias. Prima pelo figurino e, muito embora contemple histórias de animais, fadas, bichos, contos de assustar e a contos de ensinar, utiliza muitos livros de autores estrangeiros, não valorizando, assim, os escritores brasileiros.

Na *Biblioteca Barca dos Livros*, alguns contadores utilizam livros para leitura e ilustrações; outros contadores baseiam-se em narrações, de livros por eles lidos anteriormente, ou narrativas contadas por outros narradores. O local é aconchegante, possui tapetes, pufes, sofás, cadeiras, silêncio e uma boa

iluminação, enfim, é um ambiente adequado para essa atividade. Antes de iniciarem as histórias os tripulantes da barca ensinam as crianças e professoras a música que eles utilizam para *acordar as histórias contidas na barca*. Na grande maioria das observações, a acadêmica constatou que os contadores acataram essa forma de interagir com as crianças antes de dar início à história. No momento de exploração ao acervo da biblioteca as crianças se divertem com os livros, leem em grupos ou sozinhas, e quando terminam de ler um livro, logo se apropriam de outro. Ao término da *Hora do Conto* as crianças perguntam se podem retornar à leitura do livro que estavam lendo antes de começar a atividade. Como eles possuem horário para retornar às escolas, lhes é proposto voltar com seus pais outro dia e fazer a carteirinha e assim, retirar os livros.

Na *Biblioteca Barca dos Livros* as séries e escolas que a visitam são diversificadas, com isso as histórias que foram repetidas não eram do conhecimento das crianças presentes. As histórias repetidas foram: *Uma cama grande, macia e fofa* e *Solange e Anjo*.

A acadêmica observou que na *Barca dos Livros* se apresentam mais histórias fantásticas, histórias de bichos na floresta e mitologia grega. Pelo menos nos meses da observação, não foram utilizados contos de fadas. E constatou também a preferência por autores estrangeiros. Somente quando os contos eram inventados pelo narrador tinham sabor local.

Ressalta que essas instituições possuem o intuito de incentivar a leitura entre as crianças e os adultos, pois, como se observou, os adultos que acompanharam as crianças até estas instituições também ouviam as histórias, e mesmo timidamente permitiam-se entrar neste mundo extraordinário, e por vezes contribuía com as histórias e os contadores.

Ressalta também que os contadores se preocupam em atrair a atenção para a história seja por meio de gestos, expressões faciais para enfatizar trechos dos contos, adereços ou música introdutória. Os métodos utilizados pelos contadores de história observados foram à utilização de livros, com belas ilustrações e histórias curtas, ou contos inventados, na maioria, de fantasmas. Os contadores ao escolherem livros, ou histórias que iriam narrar, levaram em conta a faixa etária das crianças que havia no local e mostraram a literatura infantil como uma possibilidade de instigar o imaginário, se deleitar com o ficcional e como meio de ensinar brincando.

Para concluir, a acadêmica registra a profunda satisfação em ter participado como espectadora e ouvinte atenta da *Hora do Conto*, tanto na *Livraria Catarinense* quanto na *Biblioteca Barca dos Livros*.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1988. 248p.

BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bittencourt. **A hora do conto**: da fantasia ao prazer de ler: subsídios a sua realização em Bibliotecas Públicas e Escolares. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1995. 136p.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253p.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura**: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. 2010. 232f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2010. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_do_mar.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2011.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 123p.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial Teórico para a hora do conto. **Enc. Bibli**: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n.13, p. 25-38, 2002. Disponível em: <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/eb/article/view/106/5213>>. Acesso em: 24 jun. 2010.

_____. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Idéias, 2010a. 199p.

_____. **Leitura e literatura infanto-juvenil**. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2010b. 116 p.

CAMPOS, Karin Cozer de. **Tecendo histórias**: a criança e sua produção narrativa. 173f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CANTON, Katia. **Era uma vez Andersen**. São Paulo: DCL, 2005. 71p.

_____. **Era uma vez irmãos Grimm**. São Paulo: DCL, 2006. 77p.

_____. **Era uma vez Perrault**. São Paulo: DCL, 2005. 79p.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 4. ed. São Paulo: Global, 1985. 319p.

CARVALHO, Neuza Ceciliato de; CECCANTINI, João Luís C. T. Sobre a fábula e o conto de fadas. In: BENITES, Sonia Aparecida Lopes; PEREIRA, Rony Farto (Org.). **À roda da leitura: língua e literatura no Jornal Proleitura**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2004. p. 153-161.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idades**. São Paulo: Ática, 1986. 78p.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria-análise-didática**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991a. 247p.

_____. **O conto de fadas**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991b. 92p.

_____. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo**. 4. ed. rev. São Paulo: Ática, 1991c. 285p.

COSTA, Caroline Machado. **Infância, criança, escola nas pesquisas educacionais sobre narração de histórias**. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. Cap. 3. p. 51-66.

DEUS, Cristiane de; SILVA, Vânia Carla Schütt da. Apresentando o gênero conto. **Revista do Curso de Letras - FACOS – FACAD**, ano I, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://www.facos.edu.br/projetos/letras/ensiqlopedia/arquivos/ensiqlopedia4/genero.htm>>. Acesso em: 14 set. 2010.

FLECK, Felícia de Oliveira. **A profissionalização do contador de histórias contemporâneo**. 2009. 89f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

_____. O contador de histórias: uma nova profissão? **Enc. Bibli.** R. Eletr. Bibliotecon. e Ci. Inf., Florianópolis, n. 23, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/412/404>>. Acesso em: 18 jun. 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175p.

GIRARDELLO, Gilka. **Voz, presença e imaginação**: a narração de histórias e as crianças pequenas. Reunião da ANPEd, 26., 2003. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/gilkagirardello.rtf>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder**: as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Summus, 1980. 239p.

IENSEN, Jacqueline. Navegação literária: Barca dos Livros retoma as atividades, com passeios comandados por contadores de histórias pelas águas tranquilas da Lagoa da Conceição. Grupo RBS, Florianópolis, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default2.jsp?uf=2&local=18&source=a3257806.xml&template=3898.dwt&edition=16797§ion=1315>>. Acesso em: 02 abr. 2011.

LIVRARIA Curitiba. **Quem somos**. Vertis. 2011. Disponível em: <<http://www.livrariascuritiba.com.br/statictext.aspx?idStaticText=8>>. Acesso em: 11 maio 2011.

MACHADO, Ana Maria. **Contos de fadas**: de Perrault, Grimm, Andersen & outros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 284p.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 192p.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 155p.

MELO, Alice. BIBLIOTECA “BARCA DOS LIVROS”, na Lagoa da Conceição, Ilha de Santa Catarina, é matéria da RHBN. **Equipe Palavreiros da Hora**. 2011. Disponível em: <<http://palavrastodaspalavras.wordpress.com/2011/04/18/biblioteca-barca-dos->

[livros-na-lagoa-da-conceicao-ilha-de-santa-catarina-e-materia-da-rhbn/](#)>. Acesso em: 19 maio 2011.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 5. Ed. São Paulo: Cultrix, 1988. 520p.

MORAIS, Carla Damasceno de. **Tecido na língua de sinais**: Branca de neve e os sete anões. 147f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0403-D.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2011.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 144p.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4 ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p. Disponível em: <<http://soniaa.arq.prof.ufsc.br/roteirosmetodologicos/metpesq.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2010.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001. 138p.

SOCIEDADE Amantes da Leitura. **Barca dos Livros**. 2011. Disponível em: <<http://barcadoslivros.wordpress.com/>>. Acesso em: 11 maio 2011.

SUA Pesquisa. **Literatura de Cordel e Literatura Oral**. 2010. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/cordel/>>. Acesso em: 01 maio 2011.

UMBELINO, Janaina Damasco. **A narração de histórias no espaço escolar**: a experiência do Pró-leitura. 2005. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

WARNER, Marina. **Da Fera à Loira**: sobre contos de fadas e seus narradores. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 536p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento para uso do nome

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Curso de Biblioteconomia
Termo de Consentimento para uso do nome**

Florianópolis, _____, _____, _____.

Prezado (a).

Eu, Clarice Ivone Raulino, aluna do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, estou realizando o Trabalho de Conclusão de Curso - “TCC”, na Livraria Catarinense.

Preciso coletar dados no evento “Hora do Conto” que acontece aos sábados para formular o meu Trabalho de Conclusão de Curso - “TCC”.

Venho por meio desse, pedir sua autorização para que possa ser divulgado o nome da Livraria Catarinense no meu Trabalho de Conclusão de Curso - “TCC”. Esse nome não será divulgado na mídia, tendo como única finalidade o trabalho de “TCC” já mencionado.

Gostaria de contar com a sua colaboração, assinando o termo de consentimento, permitindo que o nome seja divulgado no referido trabalho.

Muito Obrigada!

Assinatura: _____.

() Sim autorizo que o nome seja divulgado no trabalho.

() Não autorizo que o nome seja divulgado no trabalho.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento para uso do nome

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Curso de Biblioteconomia
Termo de Consentimento para uso do nome**

Florianópolis, _____, _____, _____.

Prezado (a).

Eu, Clarice Ivone Raulino, aluna do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, estou realizando o Trabalho de Conclusão de Curso - “TCC”, na Barca dos Livros.

Preciso coletar dados na atividade “A Escola vai à Barca” que acontece as quarta-feira, para formular o meu Trabalho de Conclusão de Curso - “TCC”.

Venho por meio desse, pedir sua autorização para que possa ser divulgado o nome da Barca dos Livros no meu Trabalho de Conclusão de Curso - “TCC”. Esse nome não será divulgado na mídia, tendo como única finalidade o trabalho de “TCC” já mencionado.

Gostaria de contar com a sua colaboração, assinando o termo de consentimento, permitindo que o nome seja divulgado no referido trabalho.

Muito Obrigada!

Assinatura: _____.

() Sim autorizo que o nome seja divulgado no trabalho.

() Não autorizo que o nome seja divulgado no trabalho.